

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

MAYARA DO ROCIO LIMA GASPAR

**“A VOZ DO POVO NÃO É A VOZ DE DEUS”: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
EM *MEMES* E COMENTÁRIOS DE *MEMES*.**

**PONTA GROSSA
2022**

MAYARA DO ROCIO LIMA GASPAR

**“A VOZ DO POVO NÃO É A VOZ DE DEUS”: O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
EM MEMES E COMENTÁRIOS DE MEMES**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, junto ao Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Estudos da Linguagem, dentro da linha de pesquisa Pluralidade, Identidade e Ensino, como requisito parcial de avaliação para a obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos

**PONTA GROSSA
2022**

G249 Gaspar, Mayara do Rocio Lima
"A voz do povo não é a voz de Deus": o preconceito linguístico em *memes* e comentários de *memes*. / Mayara do Rocio Lima Gaspar. Ponta Grossa, 2022. 101 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos.

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Memes. 4. Memes - comentários. I. Carlos, Valeska Gracioso. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. [III.T.](#)

CDD: 808

MAYARA DO ROCIO LIMA GASPAR

“A VOZ DO POVO NÃO É A VOZ DE DEUS”; O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM MEMES E COMENTÁRIOS DE MEMES

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 08 de julho de 2022.



Valeska Gracioso Carlos - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Documento assinado digitalmente
VALTER PEREIRA ROMANO
Data: 14/07/2022 19:05:44-0300
CPF: 351.916.288-10
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Valter Pereira Romano - Universidade Federal de Santa Catarina



Letícia Fraga - Universidade Estadual de Ponta Grossa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, que sempre esteve comigo e que me direciona a cumprir os propósitos D'Ele em minha vida.

Ao meu esposo, companheiro e amigo, Péricles. Seu apoio foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Aos meus filhos Isabela e Vitor, pois quando olho para vocês, encontro forças para dar o meu melhor em tudo o que faço, a fim de que possam se orgulhar de mim.

Aos meus pais, por todo o apoio e incentivo no decorrer dessa caminhada acadêmica, vocês foram fundamentais nesta trajetória.

À toda a minha família, por entender minhas ausências e serem o meu conforto nos dias difíceis que enfrentei nesses anos.

À minha líder espiritual, Dannielly Peleskcis Machado, que ora e intercede incessantemente pela minha vida e me inspira a prosseguir e não desistir.

À minha amiga Thaline, presente de Deus em minha vida. Agradeço a Deus por sua amizade e companheirismo.

Às minhas amigas queridas, Maiara e Larissa, que desde a graduação sempre estiveram comigo, me apoiando e torcendo por mim. Minha eterna gratidão pela amizade de vocês.

À minha amiga de pós-graduação Luara Real, com quem dividi algumas das minhas dificuldades e alegrias no decorrer desta caminhada acadêmica.

Aos mestres que acompanharam a minha trajetória desde a escola primária até a pós-graduação. Cada um contribuiu de alguma forma para que eu chegasse até aqui.

À UEPG por me proporcionar o conhecimento necessário, tanto em relação às disciplinas quanto aos processos administrativos que envolvem esse percurso.

À CAPES, por custear os meus estudos e me proporcionar a possibilidade de dedicação exclusiva à minha pesquisa, o que não seria possível sem a ajuda financeira disponibilizada pela instituição.

À professora Dr^a Márcia Cristina do Carmo, que me incentivou para que eu desse continuidade à minha pesquisa e acreditou desde o início na minha capacidade de adentrar no Mestrado. Minha eterna gratidão!

À minha orientadora Dr^a Valeska Gracioso Carlos, por ter aceitado o desafio de me orientar em meio à pandemia, pela humanidade em todo esse período turbulento e pelo auxílio nos momentos de dúvidas e inseguranças que tive no decorrer da minha escrita.

À professora Dr^a Letícia Fraga, por ter aceitado ser banca deste trabalho, por me acolher com tanto carinho como estagiária em suas aulas e me proporcionar tanta liberdade para apresentar a minha pesquisa em sua classe. Gratidão também por todo ensinamento compartilhado desde a graduação até o Mestrado. Para mim, é uma honra ter o meu trabalho avaliado por você!

Ao Professor Dr. Valter Romano, por ter aceitado o convite para ser banca desta dissertação, pois, desde a graduação o acompanho e admiro a relevância dos seus trabalhos. É uma imensa satisfação poder contar com as suas considerações!

À professora Dr^a Lígia Paula Couto, que por meio das reflexões propostas nas disciplinas do Mestrado, me ajudou no processo de escrita desta Dissertação.

Por fim, a todos (as) os (as) envolvidos (as) direta ou indiretamente com esse trabalho. Minha eterna gratidão a todo apoio recebido neste período.

RESUMO

Nesta pesquisa, busca-se fazer a análise do preconceito linguístico em *memes* e comentários de *memes* de uma página da rede social Facebook descrita como “Professores Sonhadores”, que é voltada para professores e profissionais envolvidos com o âmbito escolar. O autor autodescreve a página como “um espaço aberto para todos os profissionais do ensino” e as postagens são compostas por uma diversidade de temas abordados, na grande maioria das vezes, por meio de *memes*, incluindo temáticas como política, críticas ao ensino, apontamento de “erros” gramaticais, reflexões, etc. A partir destes dados, também serão analisadas as reações do Facebook e seus compartilhamentos, a fim de evidenciar que, por meio dessas ferramentas disponíveis nesta rede social, é possível auxiliar na propagação ao preconceito linguístico neste meio. A partir desta pesquisa, serão elucidadas questões e reflexões importantes acerca da variação linguística, a fim de auxiliar no combate ao preconceito linguístico, conforme prescrevem os Documentos Oficiais como os PCN’s (BRASIL, 1998, 2000) e BNCC (BRASIL, 2007) que norteiam o trabalho do professor de língua. Os critérios utilizados para a realização da pesquisa foram os seguintes: (i) *Memos e comentários de memes* publicados no período de 01 de setembro de 2020 até 31 de Dezembro de 2020; (ii) seleção de *memes* que incitavam o preconceito linguístico (iii) análise dos 5 primeiros comentários de *memes* considerando a classificação dos mais relevantes e desconsiderando quaisquer comentários que tivessem relação com a autora deste trabalho e (iii) análise acerca das reações e compartilhamentos nestes *memes* analisados na rede social Facebook . A pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativista. Por meio desta pesquisa, é possível constatar e confirmar a hipótese levantada de que existe preconceito linguístico nesta rede social e que ele se dissemina rapidamente por meio de *memes*, comentários de *memes*, reações e compartilhamentos do Facebook. Ademais, também se constata a desinformação ao que tange à variação linguística e ao preconceito linguístico, o que evidencia a necessidade do trabalho dessas temáticas no âmbito escolar e na formação de professores, a fim de diminuir possíveis preconceitos linguísticos no âmbito escolar a partir da análise de *memes* e comentários

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística, preconceito linguístico, memes, comentários de memes

RESUMEN

En esta investigación, se analiza el perjuicio lingüístico en *memes* y comentarios de *memes* de una página de la red social Facebook descrita como “Professores Sonhadores”, direccionada para profesores y profesionales involucrados en el ámbito escolar. El autor describió la página como “um espaço aberto para todos os profissionais do ensino” y las publicaciones son compuestas por una diversidad de temas que son abordados, en la gran mayoría de las veces, por medio de memes, que incluyen temáticas como política, críticas a la enseñanza, apuntamientos de “errores” gramaticales, reflexiones, etc. A partir de estos datos, también se analizan las reacciones de Facebook y sus compartimientos, con el fin de evidenciar que, por medio de estas herramientas disponibles en esta red social, es posible contribuir con la propagación del perjuicio lingüístico en esta red. A partir de esta investigación, se refleja acerca de importantes preguntas y reflexiones en relación a la variación lingüística, con el fin de ayudar a combatir el perjuicio lingüístico, tal como se prescribe en Documentos Oficiales como los PCN’s (BRASIL, 1998, 2000) y BNCC (2007) que guían el trabajo del profesor de idiomas. Los criterios utilizados para realización de la investigación fueron los siguientes: (i) *Memos* y comentarios de *memes* desde el 1 de septiembre de 2020 hasta el día 31 de diciembre de 2020; (ii) selección de *memes* que incitaron al perjuicio lingüístico (iii) análisis de los primeros 5 comentarios de *memes* considerando la clasificación de los más relevantes, sin tener en cuenta cualquier comentario que estuviera relacionado con la autora de este trabajo y (iii) análisis sobre las reacciones y compartimientos en *los memes* analizados en la red social Facebook. La investigación es de naturaleza cualitativa e interpretativa. Por medio de esta investigación, es posible verificar y confirmar la hipótesis planteada de que hay perjuicio lingüístico en esta red social, el cual se propaga *rápidamente a través de memes*, comentarios de *memes* y en las reacciones disponibles en Facebook. Además, es posible verificar también, que hay desinformación sobre la variación lingüística y el perjuicio lingüístico, lo que demuestra la necesidad de trabajar estos temas en el entorno escolar y en la formación de los profesores, a fin de reducir la incidencia de los perjuicios lingüísticos *memes* y comentarios de *memes*.

PALABRAS-CLAVES: Variación lingüística, perjuicio lingüístico, memes y comentarios de memes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 INTERNET, REDES SOCIAIS E CYBERESPAÇO.....	16
1.1 INTERAÇÕES NA INTERNET E REDES SOCIAIS.....	16
1.2 AS COMUNIDADES NAS REDES SOCIAIS.....	19
1.3 FACEBOOK.....	21
1.3.1 Compartilhamentos e Reações no Facebook.....	22
2 GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO MEME.....	24
2.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO MEME EM SALA DE AULA.....	28
3 VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	31
3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	31
3.1.1 Variação Linguística nas Redes Sociais e o “Internetês”	34
3.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A NOÇÃO DE “ERRO”.....	37
3.3 RACISMO LINGUÍSTICO.....	42
3.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO SOB A PERSPECTIVA DE ENSINO EM ÂMBITO ESCOLAR.....	43
4 METODOLOGIA.....	45
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
4.2 MATERIAIS E MÉTODO.....	46
4.3 ANÁLISE DE DADOS.....	47
5 ANÁLISE DE MEMES E COMENTÁRIOS DE MEMES	49
5.1 ANÁLISE DE MEMES E COMENTÁRIOS	49
5.2 COMPARTILHAMENTOS E REAÇÕES DOS MEMES.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	97

INTRODUÇÃO

Primeiras palavras

Considero de grande importância iniciar este trabalho contando um pouco de minha trajetória enquanto pesquisadora e qual foi a minha principal motivação para a escolha e a realização desta pesquisa, que me define enquanto profissional e ser humano.

Início relatando as minhas experiências pessoais desde a infância. Vinda de família pobre e humilde, de linguagem simples de interior, de pais que não tiveram a oportunidade de terminar o Ensino Médio, mas que tentaram, apesar de dificuldades financeiras, subsidiar os estudos dos filhos para que pudessem adentrar uma Universidade.

Neste contexto, me senti incumbida de fazer valer toda a dedicação dos meus pais, esforçando-me sempre para tirar boas notas e ser uma excelente aluna. Sempre participei de forma ativa nas disciplinas, gostando de articular ideias e fomentar discussões, no entanto, essa participação acabou sendo, em muitos momentos, silenciada e apagada devido à vergonha de me expor e ser “corrigida” em minhas falas pelo sotaque e pelas palavras classificadas muitas vezes como “erradas”, passando por constrangimentos em frente a todos os colegas de classe.

Desta forma, passei a ausentar-me das discussões promovidas em sala, mas, inconformada com a realidade vivenciada diante dos meus olhos, passei a ler muito e dedicar-me a compreender mais acerca da Língua Portuguesa, pois não queria “envergonhar” os meus pais, que tanto haviam investido nos filhos para que tivessem a oportunidade que, infelizmente, eles não tiveram.

Devido a esse grande esforço para satisfazer essas necessidades que permeavam a minha realidade passei a dedicar-me à leitura. O que de início era algo forçado, com o tempo começou a se tornar um prazer. Então, pensei que poderia adentrar alguma área profissional em que eu pudesse me aperfeiçoar naquilo que havia se tornado uma paixão. Por isso, prestei vestibular para o curso de Letras, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, local onde eu imaginei que, além de ler livros e poesias, aprenderia a classificar pronomes, identificar orações e compreender mais acerca das regências verbais.

No início do curso, uma de minhas grandes aspirações era a Literatura. Lembro-me de logo nos primeiros dias de aula ter dito diante de toda a sala que meu grande objetivo era a dedicação a essa área, pois eu era apaixonada por esse tipo de leitura desde o Ensino Médio.

Também acreditei que aprenderia mais sobre gramática normativa. De fato, o curso contempla esses estudos, mas não somente esses e não da forma que eu acreditei que seria (ainda bem!).

Com o decorrer do primeiro ano, não fui capaz de identificar onde eu me encaixaria no curso. A literatura, amor inicial, era fascinante, mas compreender o que há por trás dos textos, me parecia muito subjetivo, exigindo de mim um esforço enorme em anotar tudo o que era dito em sala para poder compreender e me sair bem nas provas. Apesar de continuar sendo uma área que me fascina e de ainda ler muito, não conseguia me identificar ou me encontrar na área. Neste momento, até pensei que estava no curso errado, que a minha escolha, talvez, fosse equivocada, entretanto, persisti para ver o que aconteceria no segundo ano.

Tomei então a iniciativa de permanecer mais um ano na graduação. No segundo ano, sem muitas expectativas, tive o primeiro contato com a paixão que motiva a minha escrita hoje, nesta dissertação: A sociolinguística.

Ao adentrar o segundo ano, fomos apresentados à uma disciplina chamada Diacronia, que contemplava o estudo acerca das mudanças ocorridas no Português, desde o Latim. Minha eterna gratidão à Professora Mestre Taís Güths, que dentro dessa disciplina, abordou a questão de variação linguística e nos explicitou um pouco acerca do que seria o preconceito linguístico e graças a essas aulas, me encontrei enquanto profissional e pesquisadora.

Acredito que é de suma importância a abordagem da Sociolinguística nos cursos de Letras e, no caso da nossa Universidade, infelizmente ainda não existe uma disciplina que contemple somente estudos nesta área, porém, temos excelentes professores que dispõem o seu tempo e o seu cronograma para trabalhar com as questões que involucram a variação linguística e, até mesmo o preconceito linguístico.

A partir desta disciplina de Diacronia, abordou-se a acerca do preconceito linguístico, e foi então que surgiu o meu interesse pela Sociolinguística. Me vi sendo a pessoa que sofreu o preconceito linguístico durante grande parte do Ensino Fundamental e Médio. Vista como inferior pela forma como falava e escrevia. A pessoa que foi estigmatizada por fazer parte de uma escala socioeconômica desvalorizada e sem nenhum prestígio... vi outras pessoas serem inferiorizadas e excluídas pela cor da pele e pela forma como as suas comunidades se comunicavam.

Passei a compreender porque se torna tão problemática a inclusão de comunidades minoritárias nas Universidades... compreendi que uma pessoa pobre acessar um espaço como este é motivo de desespero para aqueles que estão no poderio, pois passamos a quebrar nossos próprios paradigmas, como também daqueles que estão ao nosso redor e são impactados com as possibilidades de mudanças além daquele pequeno “quadrado” em que somos muitas vezes

“encurralados” e impedidos de enxergar além daquilo que nos é imposto. Prova disso, são reflexões mais maduras que hoje consigo ter a partir das conversas com a minha mãe, que sempre acreditou na importância de os filhos estudarem, “saberem o português direitinho” e poderem ter uma vida melhor do que a dela. Reflexão essa que foi imposta a ela e à sua realidade, que infelizmente, não foi a mesma que a minha, mas que carrega em si essências e questionamentos importantes que me obrigam a refletir e lutar para que outras pessoas não se sintam diminuídas ou menosprezadas por não terem tido acesso à uma norma culta que ao invés de incluir, exclui tantas pessoas.

Minha mãe, Solange, de 59 anos, que hoje aprende comigo a desconstruir tantas ideias e condições vivenciadas por ela quando ainda tão nova. Mãe solteira aos 18 anos, já não tinha direito de estudar, precisava trabalhar para sustentar a filha. Casou novamente, tornou-se do lar, na bagagem, mais 2 filhos. Ensino Médio incompleto, pois agora lhe era imposta as condições de ser uma boa dona de casa, trabalhadora do lar. Mãe e esposa, precisava cuidar da casa, da comida, dos filhos. Estudar não poderia ser importante, pois existe algo mais importante do que cuidar dos filhos? Poderia existir futuro para uma mulher com toda essa bagagem e sem estudos em uma realidade machista? Convencida de que somente o acesso à escola poderia proporcionar um futuro diferente aos filhos, hoje, ela me questiona (com todas as razões existentes, pois foi a verdade imposta a ela). “Filha, você precisa falar correto”, “eu não acredito que não exista norma-padrão”, “você é professora de português, como vai defender que falem errado?”, “sem falar e escrever certo, a gente não consegue ser ninguém”.

E agora? Como culpá-la pelas suas indagações, quando foram as condições impostas e vivenciadas por ela? É impossível reverter o passado, mas espero, com a minha pesquisa, auxiliar para o progresso dessas questões no futuro. Eu sou a prova viva da mudança, que se inicia através de mim. Eu, com 24 anos, no 2º ano de graduação, para o desespero de minha mãe, engravidei. A história para ela, parecia se repetir e o medo de que eu desistisse a deixou preocupada. Mas como um ato de resistência e de coragem em um mundo que acredita piamente que a mulher não pode ser mãe e pesquisadora ao mesmo tempo, eu não desisti. Hoje, 4 anos depois, me encontro aqui, com a minha filha de 4 anos acompanhando os meus trabalhos escritos desde a graduação, algumas vezes, participando de minhas aulas de estágio, mas revertendo a realidade vivenciada por minha mãe e desejosa de que estes relatos possam reverter outras realidades, de outras mães e filhas.

Não, a linguagem não pode nos fazer ascender socioeconomicamente, ao contrário, ela nos divide, nos separa, nos classifica em “bons” ou “ruins”, “aptos” ou “inaptos” e nos faz acreditar que nunca é suficiente o domínio da norma culta ao passo que sempre desejaremos

algo inatingível, denominado como norma-padrão. Diante de toda essa reflexão, entendi o que eu estava fazendo em um curso de Letras. Aquele curso era para mim, sim. E é para muitas outras pessoas. É lugar para negros, indígenas e pobres. É lugar de luta, de onde nunca deixamos de estar. É lugar de ‘balbúrdia’, exigindo o respeito e o direito às cotas das quais temos direito para adentrar esses espaços. Direito esse que vive em pauta, pois aqueles que estão no poderio, não querem nos ver ocupando, pois sabem a força da nossa voz e que enquanto estivermos nesses espaços, haverá luta, pois nunca pudemos encontrar ambiente em que não tivéssemos que lutar. A Universidade pública e gratuita é para todos e, enquanto houver forças, resistiremos juntos.

Dessa forma, no segundo ano, decidi o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e iniciei a minha pesquisa analisando o preconceito linguístico na rede social Facebook, mais especificamente em comentários de *memes*, em páginas voltadas para a área da educação e para o âmbito escolar. Por meio daquele trabalho, foi possível constatar que o preconceito se disseminava, muitas vezes, por pessoas que se diziam professores de disciplinas como a de Língua Portuguesa, o que mais uma vez me inquietava. Esses professores teriam estudado sobre variação linguística? Por qual motivo criam que somente o que prescreve a gramática normativa é relevante ou ‘correto’? Por fim, somente o TCC não foi suficiente para sanar todas as minhas dúvidas no que tange ao estudo do preconceito linguístico em redes sociais, o que motivou a escrita desta dissertação de mestrado. Agora, tentando responder essas e outras inquietações e, por isso, expandindo a análise proposta no TCC, analisando os *memes*, os comentários de *memes*, as reações disponíveis nesta rede, afim de tentar compreender como se propaga o preconceito linguístico por meio desse gênero textual/discursivo.

Por essas questões, proponho neste trabalho a discussão acerca de documentos oficiais como a BNCC (BRASIL, 2017) e PCN (BRASIL, 1998, 2000) a fim de compreender se esses documentos realmente são suficientes para subsidiar o papel do professor em sala de aula, inclusive, compreendendo que o respeito às variedades não é somente um trabalho do professor de Língua Portuguesa, mas um trabalho de todos os profissionais envolvidos com o âmbito escolar, pois o combate ao preconceito linguístico não deve ser restrito às disciplinas de língua, uma vez que ele ocorre em todo meio escolar e auxilia na propagação de outros preconceitos como os raciais e sociais.

Objetivos da pesquisa

Para isso, o objetivo geral desta pesquisa será a analisar o preconceito linguístico no gênero textual/discursivo *meme*¹ e seus respectivos comentários contidos em uma página da rede social Facebook voltada para professores e funcionários envolvidos com o âmbito escolar intitulada pelo nome “Professores Sonhadores”. A partir desse objetivo geral, discorreremos os seguintes objetivos específicos: (i) verificar os *memes* que corroboram para a propagação do preconceito linguístico; (ii) investigar os comentários de *memes* a fim de compreender qual é o posicionamento dos comentaristas diante dos *memes* com teor preconceituoso; (iii) explorar e refletir acerca do posicionamento do professor, membro da comunidade virtual, diante da variação linguística e o respeito às variedades conforme preveem os documentos oficiais como a BNCC (2007) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio (1998,2000) (iv) averiguar como esses *memes* podem propagar o preconceito linguístico a partir do compartilhamento e algumas reações disponíveis no Facebook.

Justificativa associada à pesquisa

Justifico a importância deste trabalho exaltando as contribuições que ele traz para a área da Sociolinguística e para a comunidade como forma de auxílio na reincidência do preconceito linguístico, pois os dados coletados e os critérios escolhidos para a análise de dados, são inéditos. Existem trabalhos que se pautam na análise de *memes*, entretanto, não se encontram disponíveis trabalhos que analisam o preconceito linguístico em *memes* e comentários de *memes*, levando em consideração a importância dos compartilhamentos que auxiliam na propagação do preconceito linguístico. Ademais, também se ressalta nesta pesquisa a importância das reações do Facebook, visto que elas aumentam o alcance de visualizações de tais *memes* com teor preconceituoso, algo que é de suma relevância no que tange à disseminação do preconceito linguístico. A página escolhida para a realização desta análise é voltada para professores e funcionários envolvidos com este meio educacional e escolar que por meio da criação de *memes* “bem-humorados”, propagam o preconceito linguístico e incitam outras pessoas a disseminarem ideias equivocadas a respeito da língua, posturas que confirmam a hipótese levantada de que, por meio da rede social facebook e mais

¹ nome O *meme* é um gênero textual/discursivo que utiliza imagens, gifs, figuras e vídeos com um viés voltado

precisamente, por meio dos *memes*, é possível reverberar o preconceito linguístico e disseminá-lo por toda a rede social, muitas vezes em forma de ‘humor’. Além disso, buscou-se estabelecer critérios de análises para os *memes* por meio da recorrência de posts e seus comentários em uma página do Facebook por tratar-se de uma rede social utilizada por diversas comunidades linguísticas.

Os resultados encontrados também contribuem para a área de educação em geral, já que o preconceito linguístico deve ser combatido no âmbito escolar por todos os envolvidos com esse meio, conforme preveem os Documentos Oficiais como a BNCC e PCN, proporcionando aos envolvidos a possibilidade de reflexão e mudanças em algumas práticas utilizadas que corroboram para o aumento da disseminação do preconceito linguístico. Os dados encontrados também demonstram a importância do respeito às diversas comunidades linguísticas encontradas neste âmbito escolar, promovendo discussões acerca da importância do aluno(a) no processo de ensino-aprendizagem, considerando a variedade linguística existente em sua comunidade, a fim de que esta variedade seja respeitada e de que, na escola, possa adquirir novas aptidões linguísticas. Desta forma, poderá escolher e adequar a sua linguagem diante das diversas realidades encontradas nos meios sociais em que estiver inserido.

Organização da estrutura da pesquisa

No primeiro capítulo, discorreremos sobre Internet, redes sociais e ciberespaços, afim de compreendermos como esses meios de comunicações se estabeleceram e se perpetuaram em nosso dia-a-dia, fazendo de nós dependentes desses ambientes, ao passo que, tudo quanto fazemos, necessitamos dessas ferramentas, seja para o lazer, trabalho ou para nos comunicarmos com outras pessoas.

No capítulo dois, trataremos do gênero textual/discursivo *meme*, um gênero contemporâneo, que emergiu de nossa necessidade de comunicação rápida, direta e eficaz. Trataremos também da importância do trabalho com esse gênero em sala de aula, pois além de contemplar diversas competências importantes para o desenvolvimento de escrita e raciocínio crítico do aluno, aproxima-o de uma linguagem semelhante àquela utilizada por ele em ambientes informais, permitindo ao professor fazer ponte entre o ensino da norma culta e da variação utilizada pelo aluno na comunidade em que ele está inserido e nos meios sociais que são pertinentes a ele.

No capítulo três discorreremos sobre a Variação Linguística, abordando alguns aspectos importantes da Sociolinguística e explicitando a importância do respeito às diversas possibilidades de comunicação existentes na língua. Ademais, abordaremos a respeito de uma nova modalidade de comunicação escrita que é classificada como “internetês”, utilizada em conversas nas redes sociais, neste caso, mais precisamente, no Facebook. Também discorreremos sobre questões que envolvem a falta de respeito às variedades existentes no Português Brasileiro (PB). Pautados em uma ideia equivocada de que só existe uma forma correta para o PB, acabam por ignorar às demais variedades, utilizadas principalmente por aqueles que estão nos degraus abaixo da escala socioeconômica. Tais atitudes são caracterizadas como Preconceito linguístico e perpassaremos alguns dados e estudos acerca de como esse preconceito se propaga e se mascara nos demais preconceitos existentes, tais como preconceitos sociais.

No capítulo quatro discorreremos acerca da metodologia, a fim de evidenciar quais foram os critérios utilizados para a pesquisa e qual foi o método trabalhado para a análise, buscando explicitar como se deu a pesquisa e a elege os critérios de análise para melhor aproveitamento dos dados da pesquisa. Também será evidenciado o corpus da análise explicitando como a pesquisa foi dividida, a fim de que o leitor, possa ter clareza ao acompanhar a análise dos dados realizadas neste trabalho.

No capítulo cinco serão feitas as análises dos *memes* e dos comentários de *memes*, a fim de demonstrar o preconceito linguístico perpetuado nas imagens e comentários que são disseminadas na página da rede social Facebook, intitulado como “Professores Sonhadores”. Ademais, serão explicitadas questões que adentram a área da linguística, mais explicitamente no que tange a processos fonético-fonológicos e linguística histórica, a fim de exemplificar como ocorre a variação na língua a partir do contexto histórico e dos fenômenos que permeiam todas as línguas, mas neste caso, de forma mais concisa, no PB. Também serão elucidadas questões importantes como a importância dos compartilhamentos e das reações no Facebook ao que tange à disseminação do preconceito linguístico, pois essas ferramentas auxiliam no engajamento e na visualização dos *memes* para mais pessoas. A partir do momento em que é compartilhado, alcança familiares e amigos da rede social que podem também compartilhar em sua rede e alcançar outros indivíduos. Da mesma forma, ocorre com as reações, visto que, quando reagimos a algo em nossa rede social, essa curtida ou comentário, poderá alcançar e aparecer para os nossos amigos da rede social.

Após este capítulo, traremos as considerações finais deste trabalho, entretanto, cabe ressaltar que os resultados não significam o término desta pesquisa, considerando que ainda

existem outras inquietações e questões a serem respondidas na continuidade do trabalho, posteriormente.

Por fim, seguirão as referências bibliográficas contempladas na elaboração desta pesquisa.

1.1 INTERAÇÕES NA INTERNET E REDES SOCIAIS

Inicialmente, é necessário ressaltar a importância da Internet nos dias atuais. A sociedade está inserida em uma era digital, em que a comunicação é mediada por essa ferramenta de forma notável e que a cada dia, alcança mais espaço em todos os âmbitos sociais. Nesta rede, é possível constatar diversos espaços que podem ser ocupados e representados por diversas comunidades sociais, com diferentes níveis intelectuais e culturais (BUZATO, 2016). O ambiente virtual permite a realização de trabalhos individuais e/ou coletivos com certa autonomia propiciada pela possibilidade de compartilhamento e conexão com demais usuários de forma remota.

O ser humano sempre buscou diversas formas de se comunicar. É possível comprovar isso ao pensar nos diversos meios de comunicação criados pelo homem, como as cartas, rádio, televisão, celulares e, hoje, pelo computador e internet. (STAMPA, 2015).

A internet surgiu em 1969, com intuito de estabelecer comunicação em meio a conflitos militares em período de guerras e, para isto, era relevante a existência de uma rede de comunicação interdependente. Neste momento, essa rede era de uso restrito para estudos científicos, fato que só mudou em 1987, quando foi comercializada nos Estados Unidos (STAMPA, 2015). A partir dessa comercialização, se inicia o desenvolvimento dessa nova ferramenta de comunicação, aprimorando o que é entendido como internet e passando a enxergar uma nova ferramenta para acessar pessoas de outras culturas e pertencentes a outros espaços culturais.

Partindo do exposto inicialmente, se compreende que a internet passou a promover novas possibilidades de interações, viabilizando a participação de diferentes comunidades sociais, o que, foi caracterizado por Lévy (1999), de *cibercultura*.

Em concordância com Lévy (1999), Lemos (2003) diz que a *cibercultura* ganhou mais força e espaço em meados de 1980, período em que se criou a *world wide web (www)* e alcançou grande popularidade em meio à sociedade.

Migliori e Souza (2015) explicam que a *web* se iniciou por um sistema pautado somente no texto, entretanto, com o decorrer do tempo, esse sistema avançou, ao passo que passou a permitir diversas experiências por meio das multimídias disponibilizadas na *web*.

Com o decorrer dos anos, seus idealizadores passaram a inventar novos acessos na internet, tornando esses espaços ainda mais interessantes, facilitando a comunicação por meio de novas redes e permitindo o acesso à diversas informações que outrora, eram de difícil acesso.

Kotler (2010) atesta que por meio dessa acessibilidade de informações e de comunicação através dessas novas tecnologias, os usuários passaram a se sentirem mais confortáveis para expressar suas opiniões e dialogarem acerca de seus posicionamentos, o que trouxe um grande desafio para os criadores, pois, evidenciou que a internet e as redes sociais haviam se tornado um espaço para trocas de experiências e um ambiente propício para esse tipo de diálogo. Constatado isso, se tornou essencial pensar em estratégias que visassem trazer entretenimento por meio da rede, a fim que os usuários continuassem interessados em navegar nesses espaços. Nesse contexto, se iniciou a criação de estratégias e ferramentas que pudessem viabilizar experiências comunicativas que atendessem aos anseios dos usuários, explorando o conceito do que hoje, é chamado de *cibercultura*.

A cibercultura segundo Radtke (2017, p. 15) “apresenta uma visão panorâmica acerca do que envolve o “digital” e “virtual”. A cibercultura também pode ser atrelada e compreendida como um espaço comunicativo que estabelece vínculos e trocas relevantes ao que tange à sociedade, sua cultura e as tecnologias inovadoras por meio do acesso à internet.

De acordo com Recuero (2016), a internet e suas respectivas possibilidades de interações em redes sociais, adquiriram consistência por proporcionarem ferramentas de estudos que contemplam análises de cunho social, inclusive no que tange à linguagem, substanciando a possibilidade e a importância de compreender os discursos inseridos nessas redes. A relevância deste estudos está em permitir o acesso a dados reais, que fazem parte do cotidiano das pessoas que utilizam essas ferramentas disponíveis na internet, descritas como redes sociais. A partir dessa relevância, é necessário entender que é de suma importância a compreensão dos posicionamentos ideológicos dos usuários por meio da análise de espaços públicos contidos nas redes sociais que são comuns a todos os usuários, permitindo a participação e interação por meio das redes sociais e sites escolhidos pelos usuários.

Radtke (2017) também menciona que com o avanço da internet e a criação das redes sociais, em meados de 1995, se iniciou a busca por tornar esses equipamentos de acesso à internet mais acessível. Da mesma forma, se preocupava em trazer novas formas de flexibilizar o acesso à internet. Esse avanço foi se tornando palpável e hoje é possível acessar qualquer conteúdo da internet e/ou qualquer rede social em questão de segundos, pois *celulares, tablets, computadores e notebooks* são equipamentos facilmente encontrados em posse da maioria dos indivíduos. A internet, por sua vez, também foi rapidamente reformulada, partindo da internet discada para os modens fixos, depois adaptada para modens compactos em forma de *pendrives* e hoje a conexão pode ser efetuada a partir de qualquer sinal de *wireless*.

Toda essa evolução em um curto espaço de tempo levou estudiosos a analisar a importância das redes sociais e da internet para os dias atuais. Recuero (2016) exalta que hoje, por meio da internet e dos estudos em redes sociais, é possível ter uma percepção de como ocorrem as interações típicas de determinados grupos, possibilitando o acesso a diversos discursos de interação neste meio, permitindo, assim, a análise das principais características contidas em cada grupo existente nas redes.

Outros fatores importantes da análise em redes sociais, são: (i) a facilidade da busca instantânea de dados; (ii) a repercussão; (iii) a visualização das mensagens que são difundidas nessas redes sociais pelos seus usuários e; (iv) os aspectos diversos que podem ser evidenciados pelas conversações entre indivíduos que fazem uso das redes.

Recuero (2016, p.19) também ressalta que:

Nos *sites* de rede social, as práticas conversacionais também delineiam, discursos. O termo ‘discurso’ é aqui definido como uma forma de representação e reprodução ideológica (...) o discurso não está apenas no enunciado e em sua construção, ele está sistemicamente imbricado como um conjunto ideológico que se reflete no corpo de presenças e ausências de elementos das falas dos usuários.

Ou seja, por meio dos discursos e práticas conversacionais é possível constatar a ideologia defendida pelo construtor do enunciado, partindo da análise do que está presente ou ausente em seu discurso na rede. Por meio dos discursos também é possível constatar as “relações de poder, legitimadas pela linguagem” (RECUERO, 2016, p. 20) que tentam, em alguns casos, naturalizar o discurso por meio da linguagem, impondo e legitimando a sua ideologia de dominação.

Os discursos presentes na internet e nas redes sociais, de acordo com Buzato (2016, p. 35) podem causar “ordem” ou “desordem”, “inclusão” ou disputa por interesses próprios. Também podem evidenciar diferentes comportamentos por meio da interação, produzindo um “contexto social” (BUZATO, 2016, p. 40) que promove a percepção da heterogeneidade presente nas redes sociais.

Na próxima seção, passará a ser discorrido acerca da importância das comunidades inseridas nas redes sociais, como se formam e em que contextos é possível encontra-las ao que tange à interação social e a sua relação com o funcionamento de redes de comunicação online, que serão descritas como ciberespaços.

1.2 AS COMUNIDADES NAS REDES SOCIAIS

As comunidades existentes nas redes sociais geralmente são formadas por indivíduos que se identificam com uma realidade e/ou contexto específico, o que as (os) aproxima por meio de pensamentos ou vivências em comum (BUZATO, 2016), podendo inclusive, atravessar fronteiras por meio da internet.

Gomes (2012) diz que o termo *rede* foi usado de forma metafórica, a fim de explicitar uma forma de representação das relações sociais que estabelecidas, muitas vezes, de forma complexa.

Boyd (*apud* RECUERO, 2006, p. 18) classifica esses espaços públicos nas comunidades e redes sociais como “híbridos”, pois perpassa por diversas intervenções comunicativas e se misturam na rede, em meio ao seu público, o que permite que as interações ocorram de forma híbrida e verbal, mas, ao mesmo tempo se assemelhando a uma conversação que ocorre por meio da oralidade, o que aumenta a capacidade de alcance da conversação com a vantagem de que, por meio das redes sociais, a mensagem não necessita ser apagada e/ou ser limitada a uma pessoa, aumentando a sua visibilidade e repercussão a medida em que se compartilha a mesma mensagem com vários usuários em um espaço aberto da rede. Esse ambiente, segundo Herring (2001), é propício para compreender concepções diferenciadas como a da escrita oralizada, onde não compartilham a presença, mas compartilham as ideias de forma instantânea.

Essas práticas conversacionais, segundo Recuero (2012) “delineiam discursos” como “uma forma de representação e reprodução ideológica que compreende o “domínio geral de todas as afirmações, algumas vezes como um grupo individualizado de afirmações, outras vezes como uma prática regulada que reflete um número de afirmações” (RECUERO, *apud* Foucault, 1999, p.80). Nesse sentido, ocorrem as “formações discursivas” por intermédio da comunicação e mediação do computador, que pode revelar discursos ideológicos por meio da interação, além de “trocas linguísticas” em que se coloca em pauta as relações de poder envolvidas com os discursos promovidos nesse meio.

Por meio desses discursos abordados em computadores, redes sociais e internet, é possível estabelecer conexões nos ciberespaços² desvelando uma infinidade de pluralidades ideológicas e posicionamentos democráticos.

Recuero (2006) atesta que a recorrência do uso da internet, trouxe para as pessoas a necessidade de se conectarem por meio de comunidades, a fim de estabelecerem uma ligação

² “o ciberespaço é um não-lugar, uma utopia onde devemos repensar a significação sensorial de nossa civilização baseada em informações digitais, coletivas e imediatas. Ele é um espaço imaginário, um enorme hipertexto planetário” (LEMOS, 2008, p.128).

que ocorre a partir da interação social promovida pela internet, pois diante da rotina diária, se encontram dificuldades para estabelecer a comunicação de forma presencial com pessoas da mesma comunidade. A partir desta interatividade que se torna viável pelas redes sociais, é possível restabelecer a comunicação de forma online, por meio desses *ciberespaços*.

Romano e Pereira (2016, p. 332) descrevem os ciberespaços como uma relação entre “homem-máquina/máquina-máquina/máquina-homem” promovendo a aproximação e interação entre pessoas por meio de computadores nesses espaços. Neste ambiente, os usuários acreditam terem autonomia para opinar sobre diferentes assuntos, inclusive, em assuntos relacionados à língua.

Sobre o funcionamento dos ciberespaços, Romano e Pereira (2017, p.332, 333) atestam que:

(...) funciona por meio da conexão em rede, como uma grande teia que se constrói sem bordas e sem ponto central. Nesse arranjo, a comunicação eletrônica move-se a velocidade da luz, em tempo real. Assim, os usuários estão conectados por uma rede mundial que pode interferir em sua cultura, mesmo sendo uma realidade multidirecional e artificial que se incorpora a uma rede global que deriva, em parte, do mundo natural e físico.

Sendo assim, como já mencionado, se trata de uma construção que envia e recebe informações de forma quase instantânea e que atravessam fronteiras, podendo chegar à diversas pessoas e culturas, influenciando direta ou indiretamente dentro do seu contexto social. Essa facilidade de alcance é vista como positiva, levando em consideração o fato de possibilitar o acesso de diversas pessoas e/ou culturas a outros meios sociais que se diferem de sua realidade. Entretanto, esse acesso facilitado também pode trazer consigo consequências negativas, pois pode corroborar para o que chamamos de “intolerância linguística” e o “preconceito” por meio de “comentários revelados de forma patente em comentários de *sites*, *posts*, *twittes*, mensagens de celular, entre outros” (ROMANO; PEREIRA, 2017, p. 334)

Em concordância com Romano e Pereira (2017), Radtke (2017, p. 25) conceitua esses meios como “uma estrutura abstrata composta de nós e arestas que representam uma estrutura social”, complementando que as estruturas seriam como “teias de aranha” e as “arestas” representam a estrutura social, demonstrando a interligação entre os usuários da rede e sua interação. Sendo assim, se compreende que a principal característica das redes sociais é promover a interação de seus usuários de acordo com as estruturas sociais à qual ele(a) pertence e/ou se identifica.

Na próxima seção, serão explicitados dados acerca da rede social Facebook a fim de compreender como ocorrem as interações da internet por meio desta rede.

1.3 FACEBOOK

Compreendendo a importância da Internet, das redes sociais e o conceito do que é o ciberespaço, agora, será percorrido acerca de uma rede social específica, objeto de pesquisa deste trabalho, descrita como *Facebook*.³

O *Facebook*⁴ teve sua fundação no ano de 2003, seus criadores foram: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, que eram estudantes da renomada Universidade de Harvard. A criação desta rede social teve como principal objetivo criar uma rede que fosse exclusiva para o uso da Universidade, entretanto, a adesão a esta rede social foi tão assertiva que entre 2004 e 2005, expandiu-se mundialmente. Hoje, o *Facebook* conta com uma média de 2 bilhões de usuários, chegando ao Brasil em 2007, quando foi traduzido para o português.

De acordo com Paiva (2016, p.66) há uma tendência de que os usuários da internet se estabeleçam na rede social do *Facebook*, pois ele é um atrativo para os que desejam se comunicar devido à multiplicidade de opções que apresenta em sua utilização:

Além da opção de e-mail, chat e fórum, é possível também sugerir amigos aos nossos amigos. O fórum é usado para postagem de textos, fotos, desenhos, e vídeos, e a rede oferece diferentes estratégias de comunicação como a marcação, o compartilhar, o curtir e o cutucar. (PAIVA, 2016, p.66)

A partir da rede social *Facebook*, é possível identificar como se sucede a comunicação entre as pessoas e assim, produzir estudos e pesquisas relevantes em diversas áreas, inclusive em áreas da linguagem. Paiva (2016, p.68) ainda ressalta que os resultados que podem ser encontrados nesta rede, tendem a reproduzir comportamentos parecidos com os de fora da rede. Segundo a autora, o *Facebook* é uma reprodução do que se vivencia no mundo real, pois na rede se encontram pessoas de diferentes faixas etárias, de diversas culturas e diferentes crenças. Entretanto, como já mencionado, também se tornou um ambiente propício para preconceitos e para o “*bullyng*”, tornando-se em muitos momentos, palco para externalização desses preconceitos, da intolerância e da falta de sensatez, onde as pessoas impõem a sua

³ Segundo descrito pelo criador da rede social, em sua página, ele denomina que esta rede tem como objetivo “aproximar mais as pessoas e fortalecer os seus relacionamentos” (<https://www.facebook.com/>)

⁴ Informações sobre o Facebook retiradas do site: <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/> - (acesso em 30/04/2021).

opinião independente das consequências que esta opinião poderá acarretar (ROMANO; PEREIRA, 2017).

1.3.1 Compartilhamentos e Reações no Facebook

Araújo (2016, p.62) explicita que o Facebook é uma rede social que permeia diversos modos semióticos por meio de suas postagens, pois vai desde a escrita até “imagens, áudio e vídeos”, o que permite a identificação das “diversas linguagens utilizadas” baseadas nessas diversidades de análises.

Desde a sua criação, a plataforma passou por diversas atualizações, sempre renovando as formas de interações existentes. No início, os usuários podiam interagir em seu perfil pessoal ou de comunidades sociais voltadas para diversos públicos. Era possível realizar compartilhamentos das imagens carregadas nessas comunidades e reagir com “curtidas” aos compartilhamentos de mensagens e imagens.

Em meados de 2016, as reações da rede social⁵ foram atualizadas, permitindo aos usuários novas reações além do “curtir”. Foram adicionadas as reações como “amei” “haha” “uau”, “triste” e “grr”. A mudança foi motivada pelos próprios usuários, que sentiam a necessidade de se expressar de forma fácil e rápida diante das postagens e dos feeds publicados. Devido a essa alteração, o *Facebook* também atualizou o contador de reações, que passou a contabilizar as diferentes reações de cada usuário a determinado *post*.

De acordo com o *Facebook*, essas reações passaram a influenciar quais os tipos de anúncios e compartilhamentos aparecerão no feed de notícias do usuário e as empresas que fazem uso da rede social para a prospecção de clientes, também poderão identificar as reações e se os feedbacks de suas publicidades estão sendo positivas a partir dessa nova ferramenta.

Também se tornou possível a utilização de figurinhas, mais uma opção para os usuários se comunicarem, substituindo por meio dessa opção as expressões faciais ausentes em comentários. Além disso, foi incluída recentemente a opção de criar o seu próprio “avatar”⁶, que possibilita que o usuário crie um personagem semelhante a si próprio por meio da escolha do tom de pele, cor do cabelo, cor dos olhos, entre outras funções disponíveis. Dessa forma, é possível trazer ainda mais expressões e reações que demonstrem o sentimento do usuário. Também é possível criar figurinhas com o avatar personalizado pelo dono da

⁵ Informações retiradas da página: <https://tecnoblog.net/192040/facebook-reacoes-botao-global/> - (acesso em 30/04/2021).

⁶ Informações disponíveis em: <https://crn1.com.br/2020/10/facebook-lanca-avatares-no-brasil-saiba-como-criar-o-seu-e-compartilhar/> - (Acesso em 30/04/2021)

conta na rede social e compartilhar mensagens curtas com o avatar criado como plano de fundo da mensagem. Também se tornou possível comentar em outra postagem com a figurinha desejada do avatar. Por meio dessas inovações é possível caracterizar ainda mais a personalidade e as preferências individuais de cada usuário da rede social, promovendo ainda mais interação.

A respeito das interações sociais, elas se estabelecem por meio de “relações entre pessoas e seu meio ambiente” (PAIVA, 2016, p. 71), ou seja, ocorrem por meio de páginas que promovem interação pela afinidade com determinada comunidade social que propaga costumes semelhantes. Essas páginas também podem ser denominadas *fanpages*.

Segundo Paiva (2016, p.72), as interações ainda podem ocorrer por meio de algumas classificações denominadas como “conceitos de *mutualismo*, *comensalismo*, *competição* e *predação* ou *vandalismo*”:

O *mutualismo* se caracteriza pela interação entre diferentes espécies que trazem benefícios mútuos (...) O *comensalismo* o tipo de interação em que o participante é beneficiado e o outro não tem nem benefício, nem prejuízo (...) A *competição* refere-se à interação caracterizada pela disputa, entre indivíduos da mesma espécie, pelos recursos em seu ambiente(...) finalmente, a *predação* acontece quando uma espécie se beneficia deixando as outras em desvantagem. (PAIVA, 2016, p. 72)

Por meio dessas classificações, é possível compreender de uma forma mais ampla e evidente como ocorrem as relações e interações em ambientes como as *fanpage* e compreender qual a finalidade de cada interação em determinada página.

No próximo capítulo, serão abordados alguns conceitos acerca do que é o gênero textual/discursivo *meme*, elucidando porque ele pode ser considerado um gênero e a sua relevância nos estudos sociolinguísticos.

2 GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO MEME

A partir dos diversos meios de comunicação que foram surgindo nos ciberespaços com o decorrer dos anos, foi possível constatar novas características e modelos de gêneros textuais. Gomes (2016, p. 86) diz que com as mudanças ocorridas nas redes sociais, foi possível constatar novas possibilidades de comunicação que abrangem mais do que apenas textos escritos, promovendo interação por meio de uma diversidade de modelos, que incluía “textos feitos de imagens, textos audiovisuais, textos com links e textos com palavras e imagens”. Dessa forma, se tornou evidente que a partir dessas novas possibilidades de interatividade, se adotou também, novas possibilidades de escrita. Por isso, em alguns casos, a escrita passa a ser coadjuvante da imagem e a imagem passa a ser, respectivamente, o principal meio de comunicação nas redes sociais, vindo a obter reconhecimento por intermédio de novos valores que outrora, era somente dado à escrita.

Luria (*apud* MIGLIORI; SOUZA, p. 60, 2015) explicita a nossa “percepção visual como um processo ativo de busca de informação em que a estrutura sofre então análise, havendo uma síntese dos componentes por meio da linguagem”.

Com o decorrer do tempo, constatando essa valorização da imagem, as redes sociais em geral passaram a incorporar possibilidades que permitem os usuários a usarem imagens como ferramenta de interação escrita:

O compartilhamento de informações, o falar de si, o desejo de visibilidade e a disponibilidade de sons, imagens e vídeos (...) propiciaram novos usos da escrita nos quais, muitas vezes, a imagem passa a ter função central na construção de sentidos (e não apenas periférica, como simples ilustração) (...) a imagem ganhou uma importância que antes não tinha, ou que não era reconhecida e considerada, especialmente em suas relações semióticas com o texto (...) tirando a imagem de seu patamar artístico e trazendo-a para o cotidiano, ‘vulgarizando-a’ e popularizando-a como uma forma de expressão, uma forma de escrita. (GOMES, 2016, p. 86, 87)

Compreende-se por meio dos apontamentos de Gomes (2016) que o gênero textual/discursivo *meme*, emerge dessa perspectiva e que hoje possui grande visibilidade e alcance nas redes.

Por isso, será discorrido sobre esse gênero textual/discursivo, principal objeto de análise deste trabalho. Partindo então para a compreensão do significado deste termo por meio do que diz Dawkins (2007, p. 330) que descreve o “*meme*” como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação”.

Bhatia (*apud* ARAÚJO, 2021) alega que os gêneros não se formam de uma hora para outra e não podem ser incluídos em práticas discursivas sem institucionalização, ou seja, o gênero precisa ter reconhecimento dos “membros das comunidades discursivas”

(ARAÚJO, 2021, p.27).

O *meme* pode ser representado por mais de um significado, sendo que pode ser utilizado para descrever padrões culturais que podem ser replicados por outras pessoas, ou pode ser usado para descrever a disseminação efetiva e rápida de uma ideia que está inserida em textos e imagens, pautadas na linguagem. O segundo termo descreve e se enquadra melhor nas abordagens escolhidas para este trabalho.

Bahktin (2006, p. 127) atesta que a língua não é um “sistema abstrato” e que se trata de um fenômeno de interação verbal constituído pelas enunciações, ou seja, por meio das ideias apresentadas pelo autor, é possível compreender que a língua é um fenômeno constituído por meio da enunciação, promovida pela interação social. Partindo das discussões de Bahktin, é possível prescrever que a comunicação só ocorre por meio de enunciados e que se existe essa comunicação partindo destes enunciados, então eles ocorrem de forma concreta, por meio dos gêneros. Sendo assim, se conclui facilmente que o enunciado tem como pressuposto alcançar e estabelecer relação com o interlocutor, o que ocorre no *meme*,

A descrição inicial de Dawkins (2007) ao descrever *meme*, se deu para explicar a formação dos genes, que se replicavam constantemente de forma biológica, entretanto, como o decorrer dos anos, essa descrição se ampliou a partir desta mesma perspectiva, pois assim como os genes se replicavam facilmente, nos dias atuais, facilmente se replicam atitudes, vestimentas, pensamentos e também a linguagem.

Bahktin (2016) diz que onde existe estilística, ali também pode se denominar um gênero. Esse pensamento descrito pelo autor, esclarece o *meme* como gênero, ao passo de que é possível constatar nele, estilística. Concordando com esse pensamento, Fiorin (2018) prescreve que um gênero é descrito a partir da sua capacidade de permear ambientes estáveis e instáveis, se adequando e/ou se inovando concomitantemente. É sabido que os *memes* não seguem uma única estilística, entretanto, nota-se a sua capacidade em pairar em diferentes ambientes, bem como se pode perceber por meio do seu caráter, muitas vezes representativo em forma de humor e ambíguo.

Partindo dos pressupostos destacados, se atesta que o *meme* tem características importantes e semelhantes a qualquer outro gênero apresentado. Por todas as questões apresentadas, se reconhece o *meme* neste trabalho, como um gênero textual/discursivo.

Esse gênero textual/discursivo tem uma grande facilidade em se propagar e é caracterizado principalmente pelo humor contido em suas imagens e textos, todavia, além dessa marca característica, pode ser uma fonte propícia para a propagação de preconceitos, se disseminando facilmente em diversos meios das redes sociais.

Os *memes* são uma das principais ferramentas de entretenimento nas redes sociais, inclusive porque por meio dele é possível estabelecer uma comunicação dinâmica e rápida. O crescimento desse gênero textual/discursivo nas redes sociais emergiu da necessidade desta comunicação rápida e eficaz, chamando a atenção pela imagem e texto que traz consigo, contextualizando alguma temática proposta que pode ser de engajamento político, humorístico, religioso, entre outras, cujo principal objetivo é estabelecer a comunicação de forma descontraída (RECUERO, 2016).

Por isso, se faz necessário ressaltar a importância de salientar que apesar do humor presente neste gênero, é necessário compreender a sua capacidade de influência ao que tange as mensagens. Carmo e Gaspar (2020, p.81) salientam que esse gênero textual/discursivo apesar de divertido pode “carregar consigo mensagens de aprovação e desaprovação, se tornando, em vários casos, agente problematizador de questões existentes nos meios de socialização na vida real”.

Moreira (2019) acrescenta que os *memes* podem ser um excelente meio para a realização de pesquisas, visto que são encontrados em um ambiente que propicia a discussão e criação de discursos, além do compartilhamento do próprio discurso. Ademais, o ciberespaço também propicia a democratização, ao passo que um *meme* pode ser compartilhado diversas vezes, alcançando e, em alguns casos, convencendo outras pessoas do discurso compartilhado no *meme*.

Moreira (2019, p. 25) ainda acrescenta que “O *meme* é um gênero que abarca múltiplas formas de expressão sem perder a sua característica principal, deliberar sobre o fazer do homem no seu dia a dia utilizando elementos diversificados”. Ou seja, o *meme* carrega em si, marcas de discurso evidentes.

Sobre o gênero, ainda há que se mencionar que veio se transformando com o decorrer do tempo, Rojo e Moura (2019) atestam que essa transformação se iniciou por meio do texto escrito, que logo passou a ser digital devido à contemporaneidade midiática até chegar aonde estamos hoje, em que é permitido englobar por meio da linguagem as “(...)imagens estáticas e em movimento, sons e música, vídeos de *performances* e danças, texto escrito e oral (...) se misturem em um mesmo artefato, que continuamos a chamar de texto, agora, adjetivado como semiótico ou multimodal” (ROJO; MOURA, 2019, p. 11).

Ademais, também se compreende que o avanço da tecnologia por meio de computadores e celulares proporcionou o avanço e constituição de novas modalidades de texto, que podem ser exemplificadas por meio de uma vasta gama de propostas que vão desde

imagens que podem conter a vivacidade por meio das cores, até sons que são comumente associados à vídeos, por exemplo (CANI, 2019).

Ainda sobre essa estruturação multimodal dos textos que emergiram por meio da contemporaneidade exigida pelo ambiente virtual moldando-se para atender essa demanda comunicativa, se compreende que através de:

estratégias diferenciadas, aplicamos na oratória desse gênero três situações que podem relacionar a proposta de Aristóteles (1988) à contemporaneidade: (1) o forense – abordagens de acusação e defesa para notícias políticas, econômicas ou sociais; (2) o deliberativo – argumentos de manobras políticas e de oferta de serviços; e (3) o epidítico – discursos de elogios, censura ou repreensão de atitudes para pessoas públicas e/ou famosas. (CANI,2019, p. 5).

O meme é caracterizado em suma, por situações, frases e circunstâncias já conhecidas, seja através de um vídeo que viralizou na internet, um programa de humor, ou ainda, uma novela que possua um personagem com traços marcantes, como é o caso do exemplo abaixo:

Imagem 1 – MEME NAZARÉ TEDESCO



Fonte: Gustavo Ramos - 02/05/2022.

A imagem acima se refere à Nazaré Tedesco, interpretada pela atriz Renata Sorrah na novela “Senhora do destino”, novela das 21:00 horas, elaborada pela TV Globo no ano de 2004, mas, que foi reprisada nos anos de 2009 e 2017 pela mesma rede de televisão.

Apesar de não se tratar de uma novela da atualidade, a atriz continua sendo reconhecida através de diversos memes na rede social e sua imagem atrelada à vilã. Neste caso, em um capítulo da novela, a atriz empurra sua enteada das escadas e ocasiona um acidente de forma proposital, por isso, o texto: “pensou que ia me derrubar, logo eu, Nazaré Tedesco”. Essa foi a frase dita pela atriz e, nesta publicação. É possível observar que a postagem na rede social replica essa mesma mensagem atrelada à uma imagem que já existe e

é reconhecida, contextualizando por meio da imagem e do texto uma nova realidade a fim de construir um novo significado. Dessa forma, é perceptível que a finalidade comunicativa da postagem identifica que as emoções da atriz ao que diz respeito à sua fala e imagem, correspondem ao sentimento da pessoa que compartilhou o post, na tentativa de exemplificar seu sentimento no momento da postagem.

Outro fator importante é compreender que essa intenção comunicacional só alcança êxito porque faz parte de uma realidade vivenciada pelo interlocutor também, ou seja, se esse interlocutor fosse, por exemplo, um (a) estrangeiro (a) recém chegado (a) no país, esse tipo de significação multimodal não se materializaria (CANI, 2019)

Na próxima seção, discutiremos acerca da propagação deste gênero na rede social, a fim de explicitar como ele ocorre no Facebook.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO *MEME* EM SALA DE AULA.

De acordo com o que já foi explanado anteriormente, é possível constatar que o gênero textual/discursivo *meme* pode ser usado a partir de diferentes perspectivas, podendo perpetuar em suas mensagens diversos posicionamentos que perpassam opiniões pessoais e que, apesar de seu caráter humorístico, pode estar emitindo por meio de suas imagens e textos, um posicionamento. Apesar de este posicionamento ser trazido em pauta em forma de humor, ele pode corroborar com a disseminação de diversos preconceitos, inclusive, o linguístico.

Esse gênero também pode ser utilizado como forma de construção de conhecimento fora do ambiente online. Gomes (2016) ressalta que esses gêneros são ferramentas importantes a serem levadas para o âmbito escolar, partindo do pressuposto de que estão presentes no cotidiano dos estudantes e que lhes interessa. Segundo o autor, apesar das mudanças que já ocorreram no contexto escolar, ainda são raros os trabalhos que promovem a leitura e a produção de gêneros textuais que abarcam os conteúdos de internet, o que seria de grande proveito para os alunos, pois por meio de gêneros textuais/discursivos presentes na vida deles, é possível estabelecer estudos, análises e problematizações reais nas comunidades em que os alunos estão inseridos, trazendo para as aulas, materiais que contemplem a realidade vivenciada por eles.

Partindo dessa concepção, se compreende que o gênero textual/discursivo *meme*, é um gênero novo, diversificado e que precisa ser institucionalizado no âmbito escolar, explicitando a sua importância no que tange ao seu propósito comunicativo, que no meio escolar poderá

ser fundamentado na relação entre o ensino de língua portuguesa, buscando estabelecer conexões entre língua, linguagem e sociedade.

Souza (2013) atesta que a internet coopera mutuamente para a construção de conhecimento, pois auxilia na criação de debates, atuando positivamente na linguagem a partir de suas práticas interativas enquanto fenômeno social.

Partindo dessa perspectiva, é possível admitir que o trabalho com esse gênero textual/discursivo em sala de aula, possibilita aos alunos a interação e a compreensão mútua por meio da linguagem, despertando nos alunos a capacidade de estabelecer conclusões e criar hipóteses. Dessa forma, se estabelece uma conexão por meio de diferentes linguagens, tornando os alunos capazes de refletir acerca de questões pertinentes à linguagem e auxiliando na compreensão dos alunos ao que tange às diversas formas de se comunicar nos mais diversos espaços e condições situacionais.

Por meio do trabalho com esse gênero em sala de aula, é possível auxiliar no que concerne ao processo de escrita e leitura dos alunos por intermédio do hipertexto. Todavia, é preciso se atentar para o trabalho com esse gênero em sala de aula, ao passo que somente exibir os memes para os alunos sem contextualizá-los na esfera em que ele pertence, geram distorções acerca da compreensão do que é realmente relevante no trabalho com esse gênero.

No meio digital, é possível verificar que os jovens alunos, possuem a capacidade de produzir diversos gêneros textuais que não são contemplados no âmbito escolar, utilizando nessas elaborações diversos textos escritos utilizando as formas não-convencionais da escrita e da oralidade, além de utilizar figuras, áudios e outros meios disponíveis em multimídias, inclusive, os *memes*.

Neste sentido, Gomes (2012) enfatiza a importância do trabalho com as redes sociais e gêneros disponíveis nesta rede em sala de aula, a fim de que o educador explore esses métodos e meios, levando o aluno a conhecer diversas vertentes e modelos disponíveis, pois desta forma é possível auxiliar na "aprendizagem colaborativa" (GOMES, 2012, p. 85) o que proporciona ao aluno a aprendizagem das estruturas disponíveis na rede social a partir da reflexão e análise de interações que ocorrem nessas redes, inclusive por meio de diversos gêneros textuais que podem ser encontrados neste ambiente online. Também é possível compreender os níveis de interações do aluno com determinado gênero e/ou assunto proposto e disponível na rede social, o que auxilia a forma de condução da aula e das explicações de discussões que podem ser pertinentes ao professor no que tange ao ensino da língua.

Gomes (2012) explicita que há uma carência evidente na escola ao mencionar o trabalho com os alunos em sala de aula, pois esse trabalho acaba sendo sempre pautado na

centralidade da leitura e da produção de textos baseados em outros materiais disponíveis, raramente, contemplando o acesso à internet e aos textos digitais, o que inibe a capacidade do aluno de imaginar e interagir com meios sociais que são recorrentes em seu dia-a-dia, dificultando o despertar do interesse do aluno por essas atividades propostas.

Por meio das discussões apresentadas, se reitera a importância do trabalho com gêneros recorrentes à realidade dos alunos, como o *meme*, pois eles auxiliam no ensino e na reflexão de suas práticas discursivas e em sua reflexão acerca da língua, proposta que é recomendada pelos PCN's (BRASIL, 1998, 2000) e BNCC (BRASIL, 2017).

No próximo capítulo, compreender-se-á acerca do surgimento da Variação Linguística e do Preconceito linguístico, explicitando pressupostos importantes no que tange à essa temática.

3 VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Neste capítulo, será elucidado acerca do que é a Variação Linguística e como o preconceito linguístico ocorre por meio do desrespeito às variedades existentes no PB.

Para isto, serão discorridas teorias de suma importância para os estudos linguísticos, como a teoria da Variação linguística que é proposta por Labov (2008, [1972]) que constata por meio de sua pesquisa a heterogeneização da língua por intermédio das variantes. Ademais, será evidenciado questões pertinentes à língua acerca do fato de que ela não pode ser contida pelos falantes, ainda que na maioria das vezes, os falantes das variantes de prestígio tentem padronizá-la em todo o tempo, a qualquer custo.

Nesta tentativa enganosa de padronizar a língua e fazê-la caber em um espaço menor do que o que ela realmente ocupa, se percebem características específicas de determinadas comunidades interessadas nesta padronização, e não por mera coincidência, essa tentativa de “regularização” vem de minorias que exercem poderio socioeconômico e que tentam impor a língua como um instrumento de poder, desconsiderando toda a construção da linguagem e das comunidades linguísticas.

Apesar desse contexto errôneo, ainda é possível observar que muitas pessoas são coniventes com essa imposição, até mesmo pessoas que seriam excluídas desse grupo seletivo que utilizam a língua de forma “coerente”. Todavia, acreditam piamente nesse conceito equivocado de língua, rechaçando assim, tudo o que foge do que é prescrito como “certo” ou “correto”. Por meio desse posicionamento, perpetuam o que pode ser chamado de preconceito linguístico.

Há ainda fatores sociais que motivam essa tentativa desenfreada de padronização, que visam excluir não somente as variedades linguísticas, mas excluir socialmente algumas comunidades sociais que constituem o nosso país, como é o caso de negros e indígenas que além de sofrerem preconceitos sociais, são vítimas de preconceitos acerca das variantes que utilizam. Esse tipo de atitude perpassa o que se considera preconceito linguístico, alcançando níveis mais altos do que somente um desprezo à língua falada, caracterizando assim, como racismo linguístico.

3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A teoria da Variação linguística proposta por Labov (2008, [1972]) é compreendida como “uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais”, pois “nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade” (WEINREICH, LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 139). A partir das concepções abordadas por Labov (2008, [1972]), é possível evidenciar as mudanças ocorridas

na língua por meio das *variantes*⁷ que transitam na língua, demonstrando seu caráter heterogêneo, pois são caracterizadas de acordo com as diversidades que vão desde a idade até as diferentes regiões existentes em uma sociedade.

Essa teoria contribuiu expressivamente para o estudo da variação da língua, findando a ideia equivocada de língua homogênea voltada somente para o ensino da gramática normativa. A partir desses estudos, se tornou possível constatar que a língua está em constante mudança e que sempre está em processo de construção. Sendo assim, torna-se impossível contê-la ou padronizá-la, o que combate, também, a ideia equivocada do monolinguismo existente no português brasileiro, que tenta impor uma língua inalcançável, vista como “pura” e classificando tudo o que foge dessa imposição como “feito” ou “errado”, desprezando assim as variáveis que compõem o português brasileiro por meio da inaceitabilidade do plurilinguismo existente na língua. Entretanto, essa tentativa é vã, pois como já citado, a língua(gem) é viva e está em constante transformação, sendo impossível contê-la (BAGNO, 2007).

Partindo do exposto, se compreende que a variação linguística, tem como principal objetivo, atender à demanda comunicativa de determinada comunidade de fala, o que ocasionará em mudanças e adequações a fim de obter êxito na comunicação (TARALLO, 1998).

Coelho (2015, p. 8) acrescenta que “a variação ocorre em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico-lexical, discursivo), atestando a língua como um sistema heterogêneo” e que é esta variação e mudança linguística que faz de nós, falantes do português brasileiro. Ele ainda acrescenta a necessidade de abandonar a ideia equivocada de uma língua estruturada e acabada, uma vez que ela está em constante mudança e variação, provocada justamente pelos falantes que fazem uso da língua, exercendo total influência sobre ela. Por esse motivo é necessário compreender a importância dos estudos de língua e sociedade para entender como se sucedem os processos que permeiam os estudos linguísticos.

Sobre as variedades, se toma como fundamento os pressupostos abordados por Faraco (2002) para definir e distinguir *norma culta*, de *norma-padrão*. Faraco (2002) explicita que os linguistas ao realizarem estudos acerca da Sociolinguística detectam diversas variedades sociais, as quais podem ser classificadas como *cultas* quando são falas que estão sendo monitoradas na língua em ambientes urbanos e utilizadas de forma mais concentrada

⁷ Coelho (2015, p.7) define as *variantes* como “um conjunto de opções do qual retiramos as formas que empregamos ao falar e ao escrever”.

em escalas socioeconômicas mais altas, com acesso ao ensino formal. Faraco (2002) menciona que existem diferenças ao que tange à essa classificação ao se deparar com a escrita, pois ela tende a ser mais conservadora do que a fala.

A *norma-padrão* se distingue da *norma culta* pois se trata de uma idealização da língua, algo quase inatingível, um modelo linguístico supervalorizado e classificado como “ideal”. Porém, segundo Faraco (2002) impossível de ser alcançado, visto que mesmo aqueles que idealizam o PB por meio da *norma-padrão*, tendem a utilizar da variação devido à influência que sofrem em seu convívio com os demais falantes do PB.

A *norma-padrão* tem viés político de imposição, que tenta padronizar e uniformizar a língua. Faraco (2002) ainda cita que essa tentativa de impor a *norma-padrão* ocorre desde o século XIX, quando a elite, letrada, tentava impor esse padrão acima das variedades populares, hostilizando o PB falado principalmente pelos negros, o que vem de encontro com o que já abordamos anteriormente, com o fato de que o preconceito linguístico tem raízes pautadas em outros preconceitos, como os raciais.

Neste momento em que se tentava impor essa padronização, se tratava pejorativamente das demais variedades das classes menos favorecidas, ao passo de chamar o PB falado por essas classes minoritárias e de pouco prestígio, de “pretoguês”. É possível constatar por meio desses postulados que a elite sempre tentou impor um padrão que beneficiasse a classe branca, europeia, fazendo questão de excluir as variedades tidas como “inferiores” por serem efetivamente mais usadas pelas classes de menor prestígio. Faraco (2002) aponta que esse comportamento demonstra a violência e a tentativa de exclusão a esses usuários de outras variedades que não a padronizada.

É necessário compreender essa diferença para que sejam desassociados esses dois conceitos, a fim de que se compreenda que é de suma importância o ensino da *norma culta* nas escolas e no ensino em geral, porém, o que se rechaça, é o ensino inflexível e rudimentar que a *norma-padrão* exige, na tentativa de impor somente o que é padronizado como “correto” e tudo quanto foge dessa ideia, é considerado “errado”.

A partir desses pensamentos equivocados, surge o preconceito linguístico, que sempre está atrelado às classes menos favorecidas, visto que as suas variedades não possuem espaço e nem prestígio em uma sociedade que impõe de forma rigorosa uma norma a ser seguida.

É possível compreender então, a partir do que foi explanado que a *variedade culta* deve sim, ser ensinada nas escolas, pois como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998; 2000) um dos papéis da escola é permitir ao aluno o acesso a diversos

espaços e conhecimentos, inclusive no que tange à aprendizagem da norma-culta. Entretanto, é importante que neste processo também sejam respeitadas e explicitadas as diversidades linguísticas existentes neste contexto escolar, exaltando a importância das variedades linguísticas existentes em nossa língua, aproximando o aluno de outras possibilidades de interação além daquelas conhecidas por ele e vivenciada nas comunidades sociais em que está inserido.

Apesar da importância da gramática normativa no ensino- aprendizagem dos alunos, há que se recordar que existem pessoas que não aprenderam a ler e a escrever e também são falantes do Português Brasileiro, pois esta é a sua língua materna, adquirida desde a infância em seu seio familiar e é esta variedade que ela irá dominar e, ainda que essa variedade não seja a culta, também constitui o que se chama Português Brasileiro (PB). (TARALLO, 1998)

É de enorme relevância a compreensão de que a língua sofre variações e que são essas variações que constituem o PB independente das ações normativas, pois elas corroboram para a constituição de diversas variedades que caracterizam falantes de diferentes comunidades linguísticas, de diversas regiões, como ainda caracterizam a multiplicidade em uma mesma comunidade, que com o tempo passam a adquirir outras mudanças em sua fala.

O PB é constituído dessas diversas variedades e são resultados das diferenças sociais e regionais existentes que podem ser caracterizadas desde a história da língua até os espaços em que ocupam geograficamente, o que ocorre por meio de processos de ocupação e povoamento de territórios.

Tarallo (1998) diz que o principal objetivo do falante é interagir e ser compreendido e que se o falante conseguiu atingir o seu objetivo e se comunicou de forma efetiva, obtendo êxito na comunicação e na interpretação de sua fala, então esse falante já obteve sucesso.

3.1.1 Variação Linguística nas Redes Sociais e o “internetês”

A partir da contextualização acerca da variação linguística, agora, serão tratados acerca de alguns conceitos contemporâneos que emergiram a partir da necessidade de compreender a linguagem utilizada na internet pela grande maioria de seus usuários: o “internetês”, e/ou “o português digitado na rede”.

O internetês permite ao usuário abreviar palavras, inibir acentos e desconsiderar a obrigatoriedade do uso de pontuação, o que é questionado e visto como uma degradação da língua portuguesa. (KOMESU; TENANI, p. 9, 2021).

Bisognin (2009, p.26) descreve o internetês como uma “unidade linguística mínima que pode constituir significado”. Ou seja, pode ser considerada a partir de qualquer comunicação que trabalhe com “código escrito muitas vezes cifrado, com símbolos e junção de caracteres aparente sem conexão”, mas que são capazes de transmitir uma mensagem, como o riso, caracterizado por (rs), a gargalhada, que pode ser caracterizado por (kkk) o choro, caracterizado por (snif, buáá), além de palavras abreviadas como BLZ (beleza), VC (você), entre outras.

Não é incomum ouvir que a linguagem da internet atrapalha na aprendizagem do português “correto”, trazendo prejuízos no uso da língua, pois acreditam que o aluno falará e/ou escreverá de acordo com a linguagem utilizada na internet e que, por isso, terá dificuldade na aprendizagem da norma-culta, pois tenderá a falar e representar na escrita àquela variedade utilizada nesta rede (FIORIN, 1990).

Esse pensamento é errôneo, pois de acordo com Fiorin (1990) ainda que na internet haja empréstimos de palavras, como as do inglês, isso não terá influência direta na escrita e/ou fala do usuário de internetês, pois não traz nenhuma mudança na estrutura do léxico, que é responsável pela constituição da língua. Ou seja, essas palavras “emprestadas” não podem alterar a estrutura do PB, uma vez que seu léxico está pautado nas mesmas origens da língua advinda do Latim. Apesar da comunicação feita nas redes e dos empréstimos de palavras, não é possível a constituição de uma nova gramática a partir dessa variedade, ou novas palavras que alterem a sua fonologia. Sendo assim, é impossível a “descaracterização do idioma” (FIORIN, 2008, p.3).

A principal característica do internetês é a simplificação e abreviação das palavras, entretanto, sua utilização segue uma convenção regrada e sempre busca manter os sons equivalentes à palavra abreviada e/ou simplificada. Ademais, também são formas de expressar os sentimentos do indivíduo na rede, podendo demonstrar por meio do alongamento das vogais o seu sentimento de surpresa, espanto, raiva, etc. Da mesma forma que o uso de emoticons corrobora para a caracterização dessas expressões que não podem ser vistas ou identificadas pela outra pessoa que está interagindo somente por mensagens de texto.

Concordando com esse pensamento, Possenti (2008) atesta que o internetês não deve ser visto com estigma, pois a grafia e a língua são coisas distintas. O internetês não se trata da aquisição de uma nova linguagem e sim de técnicas que buscam a abreviação das palavras por meio da grafia.

O único problema dessa modalidade é que apesar de ser algo recorrente na internet e em redes sociais, ela possui pouca aceitabilidade quando colocada de frente com a gramática

normativa. Entretanto, o fato de não possuir prestígio gramaticalmente não vai diminuir a sua incidência nos meios sociais, pelo contrário, a tendência que se pode observar é que a sua recorrência se torna cada vez mais comum, pois hoje, se trata de um gênero textual, bem como é possível constatar por meio do que diz Inglez (2009) ao afirmar que nenhum outro gênero existente poderia abarcar o uso de abreviações, sinais e expressões em um mesmo contexto.

Para resolver esse paradigma, é de suma importância que o Professor traga para o contexto escolar essa realidade linguística presente na vida dos alunos (as), aproximando o aluno (a) de gêneros comuns em sua rotina e em seu âmbito, proposta bem observada em documentos como Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000) e BNCC (2007) que orientam o trabalho com gêneros recorrentes nos meios sociais em que o aluno está inserido para que ele possa identificar as diferenças e seja capaz de adequar a sua linguagem nos diversos contextos em que for necessária a comunicação, seja ela oral ou escrita. Sobre isso, Fiorin (2008, p. 5,6) salienta:

Todos os textos que produzimos sejam eles orais ou escritos, ou manifestados por qualquer outra linguagem, são sempre a materialização de um gênero. Assim, por exemplo, uma conversa com amigos é diferente de uma conversa com os pais, uma aula é distinta de um sermão, uma carta comercial é diversa de uma carta de amor, um filme de bang-bang é diferente de um filme policial, uma novela de época é distinta de uma novela urbana e assim por diante. Todos os textos são produzidos dentro de um gênero, todos os textos são manifestações de um gênero.

Atualmente, é possível constatar um alto número de docentes de disciplinas diversificadas que são desfavoráveis ao uso do internetês pelos alunos e demais usuários dessa nova modalidade de escrita por considerar uma violência ao “idioma pátrio já tão maltratado pelos brasileiros incultos e desatentos com um de seus mais importantes patrimônios culturais que é a língua” (XAVIER, 2011, p. 167), há ainda docentes que acreditam que o internetês atrapalha o aluno na alfabetização, todavia, como explicita Rojo (2019, p.14) é necessário compreender que “Letramento não é necessariamente o resultado de ensinar a ler e a escrever. É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”, ela ainda diz que a alfabetização pode ser a ação de “apropriar-se do alfabeto, da ortografia e da língua que se fala” (ROJO, 2019, p. 15) , ou seja, é algo complexo, visto que no decorrer da história da língua essa “alfabetização” foi reinventada e reprogramada no decorrer dos anos, pois ainda no século passado, somente escrever o seu nome já era suficiente para ser considerada uma pessoa como alfabetizada.

Xavier (2011) considera o internetês um “dialeto” e ainda diz que ele simula uma conversa realizada pessoalmente com uma pessoa, pois tende a assemelhar-se ao que diz respeito a fluência, naturalidade e rapidez da comunicação por meio das redes. O autor também afirma que o grande incômodo de alguns críticos desse dialeto está no fato de os grafemas serem abreviados e/ou suprimidos e cortados, todavia, isso não atrapalha ou altera o grafema original, visto que é possível voltar à sua forma anterior, sem abreviações, pois tende a excluir no momento de supressão, somente as vogais, como é o caso de “BLZ” (beleza) então não pode ser considerado uma afronta ao grafema convencional da palavra.

Partindo do que é exposto pelo autor, também fica evidente que, assim como os documentos⁸ preveem, é de suma importância o trabalho do professor com diferentes gêneros textuais, para que por intermédio deste trabalho, o aluno seja capaz de compreender como e quando deve usar cada um deles.

3.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A NOÇÃO DE “ERRO”

Sabemos que em nossa sociedade existem diversos preconceitos, dentre eles, podem ser citados preconceitos tais como o racial, de sexo/gênero, preconceito social, entre outros. Todavia, pouco se importa em discutir sobre um preconceito enraizado em línguas das mais diversas nacionalidades, inclusive, no Português Brasileiro (PB): o preconceito linguístico.

Esse preconceito é tão prejudicial quanto os demais que existem em nossa sociedade, pois traz consigo informações distorcidas acerca da língua, o que ocorre por falta de conhecimento sociolinguístico e de reflexões acerca dessa temática. Ademais, esse preconceito geralmente advém de outros preconceitos já existentes em nossa sociedade, entretanto, de forma mascarada e singela, se escondendo por detrás de preconceitos sociais que pairam na sociedade.

O preconceito linguístico cresce a partir de uma concepção equivocada, olhando somente sob a perspectiva de uma gramática normativa inflexível, desconsiderando as múltiplas possibilidades de comunicação existentes no PB.

Essa concepção equivocada também é pautada em uma noção de “erro” linguístico, baseada no mundo ocidental que buscava marcar seus territórios a partir da língua e da cultura grega. Para que pudessem distinguir o povo e as terras que já haviam sido conquistadas,

⁸ Serão tratados com mais afinco sobre documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000) e Base Nacional Comum Curricular (2007) na sessão 3.3 deste trabalho.

buscaram intitular uma gramática criada por filólogos, que se pautava em intuições da filologia e em costumes que reforçassem as diferenças sociais entre esses povos. (BAGNO, 2007).

Por isso, considerar algo como “erro” na língua é problemático, pois essa gramática e essa noção de “erro” tiveram origem em elementos que buscavam estabelecer uma convenção gramatical com intuito político e territorial, não considerando elementos importantes de estudos linguísticos, levando em consideração somente “intuições”. Todavia, mesmo se tratando de algo sem fundamento para os dias atuais, visto que isso ocorreu há 2500 anos atrás, ainda se acredita em uma idealização por meio da gramática normativa e se perpetua entre os usuários, disseminando ainda hoje, o preconceito linguístico.

Como é possível constatar por meio do estudo da História da Língua no período Helenístico, o preconceito linguístico está enraizado na língua há muito tempo, entretanto, era mascarado e pouco abordado, afinal, é um preconceito que desfavorece em sua grande maioria somente as classes minoritárias, que estão abaixo na escala socioeconômica e não possuem grande prestígio social.

Calvet (2002) diz que os falantes que se encontram em níveis socioeconômicos mais elevados, buscam criar estereótipos na língua e desconsideram todas as variações provenientes dos dialetos, estabelecendo uma ideia equivocada de “purismo” na língua, impondo e classificando o que é “certo”, “errado”, “bonito” ou “feio”.

Bagno (2009, p. 21) diz que “os brasileiros urbanos letrados” não discriminam somente o modo de falar de analfabetos e semianalfabetos, mas discriminam até mesmo as variedades linguísticas usadas por eles.

Para tratar acerca da noção de “erro”, é necessário a reflexão acerca de que, se algo é visto como “errado” é porque se acredita que existe um jeito que pode ser considerado e visto como “certo”. Por isso é necessário compreender essas noções e como se sucedem, a fim de entender em que bases estão pautadas.

Bagno (2007) atesta que a classificação de “certo” ou “errado”, advém dos olhares e crenças culturais envoltas na sociedade e que esses mesmos olhares que julgam algo como “errado” hoje, outrora, poderão considerar “certo” com o decorrer dos anos. Esse processo ocorre com os gostos, costumes, crenças e também com a língua.

Assim, essas noções são pensamentos e ideologias criadas pelos próprios membros da sociedade, e essas mesmas noções que validam, julgam e classificam diversas questões sociais, também se validam quando se fala de língua, que se baseiam de acordo com a época e com a sociedade em que determinado grupo de pessoas está inserido.

No que tange à língua, Bagno (2007) atesta que tudo que foge às regras normativas e gramaticais, são consideradas “erradas” e o que é visto como “correto” é tudo aquilo que se enquadra nas regras ditadas pela almejada norma-padrão.

Baseando-se nessas questões, se conclui que só se valida como “correto” a língua que se adequa à norma-padrão, ou seja, a única evidência do que é visto como “correto” é baseado em construções realizadas por ideologias sociais que exaltam a norma-padrão, sendo sujeitas a alterações com o decorrer do tempo.

Bagno (2007) atesta que essa noção de “certo” e “errado” está pautado em que lugar o falante se encontra na escala socioeconômica e que quanto mais alto estiver, maior prestígio terá em sua fala, demonstrando que essa “classificação” ocorre de acordo com o prestígio social que determinado falante possa ter na sociedade.

Também se encontra nos PCN’s (BRASIL, 1998, p. 108) que essa noção de *erro* necessita ser ressignificada, principalmente em contexto escolar, para que o(a) aluno(a) possa refletir acerca da sua própria linguagem. Barbosa e Mollica (2015) afirmam que a noção de *erro* ao tratar de língua é uma forma “dicotômica” e “reducionista”, pautada em conceitos rudimentares e que reduzem o conceito de língua de forma a favorecer somente aqueles que são adeptos da norma padrão.

Calvet (2002) também atesta que fenômenos como a *hipercorreção* emergem justamente dessa tentativa exacerbada de alguns falantes em corresponder a variedade prestigiada, pois se acredita equivocadamente que imitando essa forma, dominará a língua “correta” e legítima.

Segundo Scherre (2005) deve ser considerado certo tudo aquilo que atende à demanda de determinado grupo social, ou seja, os próprios falantes são os que determinarão a forma efetiva de se comunicarem a partir de regras que façam sentido a eles, comunicando-se com os demais participantes do grupo/comunidade em que estão inseridos com o intuito de obter êxito em sua comunicação a partir da utilização da variedade linguística utilizada nesse meio social.

Partindo do exposto, é possível constatar que o preconceito linguístico no PB, ocorre por meio, principalmente, das camadas socioeconômicas mais prestigiadas e que a partir disso, os falantes que estão abaixo e são menos privilegiados “aceitam” e acreditam que realmente a variedade utilizada pelas classes mais altas dessa escala socioeconômica, são melhores e mais “corretas”.

Bagno (2007) alega que os falantes de menor grau escolar e residentes em regiões periféricas com pouco ou nenhum estudo, são os principais afetados pelo preconceito linguístico, pois a variedade utilizada por eles é totalmente desvalorizada, pois não possui

nenhum valor aquisitivo e/ou acesso à escolarização da “elite”, que permite o acesso à gramática normativa tida como padrão.

Por meio dessas concepções, é possível constatar que a língua é um instrumento de poder que pode exaltar ou humilhar o seu falante, sendo também um meio de exclusão ou ainda, de inclusão de acordo com a variedade que utilizamos (BAGNO, 2007).

Scherre (2005) aponta que um dos problemas encontrados no PB é o de que os indivíduos que utilizam as variantes prestigiadas acreditam que banindo as variantes de menor prestígio poderão padronizar a língua, entretanto, diferente desse pensamento, seria uma forma de exclusão daqueles que não utilizam a variante de prestígio, tentativa essa que possui seus primórdios desde quando o Brasil foi tomado por colonizadores, que acreditavam que os indígenas que já pertenciam àquele local deveriam esquecer suas origens linguísticas e utilizar a língua imposta por eles.

A respeito desta tentativa de “padronizar” o PB, Scherre (2005) ainda ressalta que tentar ensinar língua portuguesa é inviável, visto que desde que nascemos já aprendemos a língua, influenciados pela variante utilizada em nosso convívio familiar.

Dessa forma, se constata que o que pode ser assimilado posteriormente na escola, é o funcionamento da gramática normativa no que tange às normas prescritas, mas é necessário se atentar para as práticas de ensino que permeiam esse processo, levando em consideração que esse ensino deve ser contextualizado, evitando a valorização somente da norma-padrão, pois isso fortalece as classes prestigiadas e auxilia na disseminação do preconceito linguístico.

Como já abordado, a língua é um instrumento de poder, por isso, é importante que o profissional envolvido com o processo de ensino de língua tenha conhecimento acerca da importância da reflexão e de práticas que busquem trazer a relevância de outras variedades que não a prestigiada, a fim de que, os indivíduos envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem possam respeitar e compreender que existem outras variedades além da que é utilizada em sua comunidade, pois devido à essa relação de poder que se instaura na língua, vemos se perder parte da história do PB principalmente no que tange às línguas indígenas, que perdem sua autonomia de língua e são classificadas apenas como dialetos, quando na verdade são parte de extrema importância para a constituição de nossa cultura e sociedade e que contribuíram efetivamente para a formação da língua. (CALVET, 2002).

Geraldí (1997) atesta que é de suma importância a valorização das variedades linguísticas, concluindo que elas não são “erros”, são diferenças que geralmente estão associadas à necessidade de adequar o uso das variedades em determinadas situações em que o falante está inserido no momento de fala.

Leite (2008) diz que é necessário considerar aspectos importantes e relevantes da norma-padrão, por exemplo, utilizando-a para determinar o seu uso em determinados contextos. Entretanto, é preciso se atentar para o fato de que isso não limita a língua a ser concebida somente por essa norma, é necessário compreender que não existe uma língua “correta” ou “pura”, pois é justamente esse pensamento que Scherre (2005) atesta como uma prática social injusta e desigual, pois determina o que é “bonito” e o que é “feio”, discriminando aqueles que não fazem uso da variedade de prestígio, tendo a sua variedade estigmatizada por não atender às demandas extremamente exigentes da gramática normativa.

Scherre (2005) ainda diz que a mídia jornalística tem grande influência nessa delimitação de “certo” e “errado”, uma vez que podemos ver em noticiários de TV e reportagens, a equipe jornalística “adequando” a linguagem utilizada pelos entrevistados, colocando entre “aspas” tudo aquilo que é considerado “errado” ou que não condiz com a norma-padrão, demonstrando e classificando aquela variedade como “errada” e não condizente com a norma utilizada nesse meio.

Questões como essas contribuem para a disseminação do preconceito linguístico e perpetuam a ideia equivocada de que tudo aquilo que foge às regras da gramática normativa é “errado”, influenciando o próprio falante, que, ao se sentir inferiorizado pela variedade que utiliza, acredita que possui menos valor diante de outros falantes, o que também contribui para o que prescreve Calvet (2002) ao dizer que o preconceito linguístico tem suas origens nas camadas privilegiadas, mas que por meio dessa prescrição do que é aceito e do que não é aceito, atinge as camadas menos privilegiadas, que acabam crendo que existe uma variedade linguística “correta” e melhor do que a utilizada em sua comunidade de fala e trazendo uma concepção equivocada da língua.

Por meio das discussões apresentadas ao que concerne à língua(gem), é possível constatar que a variedade utilizada na fala dos indivíduos é o tempo todo monitorada e está em constante avaliação, sendo um forte instrumento de exclusão social, caracterizando assim, uma forma de preconceito, entretanto, como já mencionado anteriormente, esse preconceito não é tratado como os demais preconceitos existentes em nossa sociedade, pois ele vem enraizado em outros preconceitos e geralmente está presente em falantes que não possuem prestígio social, o que demonstra que se trata de um preconceito que ultrapassa o preconceito linguístico, mascarado geralmente, por detrás do preconceito social.

3.3 RACISMO LINGUÍSTICO

A partir das discussões discorridas, que afirmam que a língua é vista como instrumento de poder, conforme já discutido na sessão anterior, ainda é necessário ressaltar que não se trata somente de um poderio pautado em questões sociais, mas também, pautado em questões raciais.

Para adentrar essa discussão, se evidenciam os pressupostos postulados por Nascimento (2019) em seu livro **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**, que se pauta nos estudos da linguagem como instrumento de poder e de imposição, em que o colonizador impõe uma língua como ideal e desconsidera a linguagem utilizada por povos nativos das terras brasileiras antes do que se chama, hoje, de “colonização”. Essa é, inclusive, outra grande questão a ser discutida, visto que já existia povoamento nas terras brasileiras, logo, esse território já era colonizado.

Não obstante a violência social sofrida no período colonial, se vê a violência linguística, posto que hoje, as variedades linguísticas utilizadas pelos verdadeiros nativos são considerados mero dialetos, quando várias marcas que divergem o nosso Português Brasileiro do Português de Portugal, ocorreram por meio da variedade linguística utilizada pelos verdadeiros nativos das terras brasileiras, sendo de grande importância na construção da linguagem. (NASCIMENTO, 2019).

É de suma importância salientar essa questão, visto que esse tipo de racismo permeia até hoje em nossa língua e a mesma imposição que ocorreu desde o “descobrimento” do Brasil, ainda rotula, classifica e diminui os falantes que fazem uso de variedades que não são apreciadas pela norma-culta. A isso, não podemos definir somente como preconceito linguístico, mas como **racismo linguístico** (NASCIMENTO, 2019), pois não se pauta somente em preceitos sociais, mas também de raça.

É possível constatar essa realidade partindo do contexto social em que estamos inseridos, em que os que obtêm o prestígio social e linguístico e ocupam altos lugares na escala socioeconômica, não por um acaso, são brancos, evidenciando que não se trata de uma teoria infundada ou inventada, mas de uma realidade perceptível aos próprios olhos daqueles que integram a sociedade em neste amplo território brasileiro.

Assim como atesta Bagno (2007), Nascimento (2019) reafirma que a tentativa de normatizar a língua a todo custo, nada mais é do que uma imposição que busca centralizar e exaltar aqueles que já estão em lugares de prestígio na sociedade e menosprezar, rechaçar e inferiorizar ainda mais aqueles que não dominam dessa variedade prestigiada. Ambos os autores também ressaltam a importância de se atentar para o fato de que os que dominam essa variedade culta são minorias diante dos demais falantes da língua.

3.4 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO SOB A PERSPECTIVA DE ENSINO EM ÂMBITO ESCOLAR

O trabalho do professor é direcionado por meio de documentos redigidos pelo Ministério da Educação (MEC) com a finalidade de propor uma linearidade no trabalho desenvolvido pelo professor em sua prática docente. Esses documentos tem como pressuposto, contemplar o trabalho com diversos eixos temáticos, a fim de que sejam abordados vários temas importantes, que auxiliem na reflexão do aluno para a ampliação de seu conhecimento de mundo.

Dentre os Documentos Oficiais importantes na práxis do professor, estão os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, 2000) e Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2007), por serem os documentos mais utilizados ao que tange à prática dos professores no que concerne ao contexto escolar.

É importante ressaltar que um dos documentos mais atuais e de maior relevância ao tratarmos de temáticas importantes no âmbito escolar, é a BNCC (BRASIL, 2017), todavia, apesar de sua relevância, o trabalho com variação e preconceito linguístico só aparece em direcionamentos voltados para o ensino de línguas e, em outras disciplinas não se menciona a necessidade de respeito e/ou trabalho com a conscientização do respeito à essas variedades.

O documento apesar de atual, não se preocupa em discutir questões acerca do preconceito linguístico, o que é um grande erro ao se pensar que o preconceito linguístico está inserido em todo o meio escolar e não somente nas disciplinas voltadas para o ensino de línguas, pois a variação não ocorre somente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira.

O combate ao preconceito linguístico e o trabalho acerca do respeito às variedades existentes é um trabalho que deve ser realizado por toda a comunidade escolar, pois, conforme já mencionado, advém de outros preconceitos sociais já existentes, que incluem “gênero, profissão, camada social, idade, região”. (BRASIL, 2000, p. 21).

Apesar de pequenas convergências que devem ser mencionadas nos documentos, é possível constatar que em ambos os documentos é proposta a intermediação do professor no que tange ao respeito das variedades linguísticas, também em alguns momentos são trazidas questões como a importância do combate ao preconceito linguístico.

Ambos os documentos ressaltam que é de suma importância que os alunos tenham acesso às variedades linguísticas existentes a fim de assimilarem novos conhecimentos e novas possibilidades de comunicação, ampliando o seu repertório linguístico por meio do estudo das diversas variedades utilizadas por seus colegas de classes e/ou de regiões diferentes do que a que ele está inserido, pois esse conhecimento permitirá que o aluno, ao interagir em diversos contextos diferentes, seja capaz de adequar sua linguagem para o contexto social em que está inserido no momento de comunicação.

A respeito das variedades do PB, a BNCC (BRASIL, 2017, p.81) prevê nas sessões voltadas para o ensino de línguas, que o trabalho com as variedades linguísticas contemple as diferenças “fonológicas, prosódicas, lexicais, sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos a fim de que o aluno compreenda a língua(gem) como uma forma de “interação social, pois amplia o reconhecimento do outro e de si próprio, aproximando-se cada vez mais do entendimento mútuo” (BRASIL, 2000, p.10). Os documentos também propõem o ensino das variantes, para que o aluno seja capaz de distingui-las e demonstre atitudes que contemplem o respeito às demais variedades linguísticas.

A partir do exposto na fundamentação teórica, passaremos agora, a descrição do material e dos métodos utilizados.

4 METODOLOGIA

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O roteiro metodológico desta Dissertação inclui pesquisa bibliográfica, qualitativa e quantitativa. Qualitativa porque analisa aspectos culturais e sociais dos indivíduos e

quantitativa porque apresenta dados numéricos que auxiliam na constatação da incidência do preconceito linguístico por meio de engajamentos da rede social. Silva-Corvalán (1989) aborda alguns pontos importantes ao que concerne à pesquisa qualitativa, dentre eles, atesta que o objetivo do pesquisador ao realizar tal método de pesquisa, deve ser o de estudar a conduta linguística dos usuários da língua. Ademais, também explicita que é necessário compreender e evidenciar quais e quantas variantes foram encontradas no momento da pesquisa e especificar como elas ocorreram e se trazem perca de sentido no momento de uso na comunicação. No trabalho desenvolvido por esta pesquisadora, se leva em consideração este caminho de condução da pesquisa qualitativa, evidenciando todos os pontos elencados para melhor aproveitamento dos dados para a área da Sócio(linguística).

Também se considerou aspectos relevantes no que tange à pesquisa qualitativa se debruçando nas ideias trazidas por Fick (2004), a fim de fazer escolhas que contemplam métodos teóricos que auxiliem e se adequem na compreensão das ideias trazidas na pesquisa.

Fick (2004, p. 22) também atesta que na pesquisa qualitativa é necessário considerar “a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento”. Ou seja, a pesquisadora deve levar o leitor a refletir acerca daquilo que está sendo comunicado em sua metodologia, a fim de compreender e se fazer compreendida estabelecendo uma construção de conhecimento mútua, que se inicia no pesquisador e se transfere com facilidade ao leitor, assim como atesta Fick (2004, p. 25) ao dizer que a pesquisa qualitativa deve partir como “uma trajetória que parte em direção ao texto e do texto em direção à teoria”.

Também se tem como pressuposto elucidar a riqueza da variação linguística a partir das mudanças na língua por meio das diversas variantes, buscando traçar paralelos entre os fenômenos históricos que permeiam a transformação do latim para o PB e os processos fonológicos que ocorreram nesse período de transição e mudança da língua. Para tanto, é importante ressaltar que não devem ser compreendidos como “erros” as pronúncias e grafias que partem de um processo histórico de variação e mudança da língua, pois além de fazerem parte da história da composição do PB, essa noção equivocada auxilia negativamente, perpetuando o preconceito linguístico.

4.2 MATERIAIS E MÉTODO

Os materiais utilizados se encontram disponíveis em uma página da rede social Facebook que se intitula como “Professores Sonhadores”. É possível identificar a página a partir de uma breve pesquisa de lupa dentro da rede social Facebook, visto que não existem outras páginas que possuam o mesmo título na rede social. A página atualmente conta com 326.068 curtidas e 349.000 seguidores e em sua descrição, o dono da página evidencia o seu principal público-alvo ao dizer: “Página com espaço aberto para todos os profissionais do Ensino”.

Na página, é possível encontrar somente um moderador e todas as postagens são feitas pelo perfil da própria página pois somente o moderador possui acesso para publicações de postagens. Na descrição, o moderador também evidencia o link para acesso à mesma página disponível na rede social descrita como Instagram, a fim de que os usuários e seguidores da página contida na rede social Facebook, também possam apreciar as publicações por meio desta outra plataforma. Ademais, também inclui um número de WhasApp para contato direto com o moderador da página.

A página teve a sua criação em 28 de janeiro de 2014 e desde então, passou por diversas atualizações em sua logo de perfil. Atualmente, a logo possui a seguinte frase: “Professores Sonhadores Educação Infantil e Fundamental”, como pode ser melhor visualizada a partir da figura abaixo:

Figura 1 – Página Professores Sonhadores.



Fonte: < www.facebook.com/professoressonhadores > Acesso em: 17 de Janeiro de 2022.

Dada a quantidade de postagens na página analisada, foram estabelecidos alguns critérios para refinar a análise proposta. Foram eles:

- (i) Recorte temporal: *Memes e comentários de memes* publicados no período de 01 de setembro de 2020 até 31 de dezembro de 2020;
- (ii) Conteúdo dos textos: *Memes* que incitavam a propagação do preconceito linguístico em sua imagem;

(iii) Engajamento: Número de curtidas e reações nos *memes* analisados e número de compartilhamentos dos *memes* que incitam o preconceito linguístico. No quesito engajamento, devido à grande quantidade de *memes* e comentários a serem analisados, estabelecemos como critério a análise somente dos cinco primeiros comentários, considerando a classificação dos “comentários mais relevantes” do Facebook. Ademais, em alguns *memes*, não foram encontrados cinco comentários disponíveis, e, por isso, se buscou analisar todos os comentários disponíveis no *meme*.

A partir do exposto e destas vertentes teóricas construídas, serão elucidadas questões sobre como o preconceito linguístico se dissemina nessa página, realizando retomadas acerca de questões já abordadas anteriormente, tais como o posicionamento de participantes da página que se autodeclaram professores e/ou funcionários envolvidos com o meio escolar, a fim de compreender se realmente estão seguindo as diretrizes propostas pelos documentos oficiais em relação ao respeito das variedades e do combate ao preconceito linguístico conforme sugerem os PCN's (BRASIL, 1998, 2000) e BNCC (BRASIL, 2017), uma vez que os usuários das páginas e público-alvo, em geral, são pessoas ligadas de alguma forma à educação (professores de língua portuguesa, educadores).

Buscando manter a ética da pesquisa, serão preservadas a identidade dos usuários que teceram os comentários nas publicações, evitando a exposição desnecessária dos envolvidos na pesquisa e prezando pelos Códigos de Condutas (CELANI, 2005).

4.3 ANÁLISE DE DADOS

Partindo da exposição de como se deu a análise de caráter qualitativo, partiremos agora, para a análise propriamente dita dos *memes* e comentários de *memes*. No intuito de facilitar a visualização de cada análise, buscando subdividir a análise em: (i) análise de *memes* e comentários de *memes*; (iii) e análise dos compartilhamentos e engajamentos do Facebook.

Para maior clareza da análise e para demonstrar a fidelidade dos textos selecionados, se optou por colar os comentários originais contidos nos *memes*. Para maior compreensão dos comentários e evidenciar quais os posicionamentos dos comentaristas diante dos *memes*, se tomou por opção dispor os comentários seguidos ao *meme*. Sendo assim, a pesquisa partirá da análise do *meme*, para os seus respectivos comentários. Como critério de organização também se tomou por decisão a enumeração de cada comentário de *meme*, a fim de trazer mais clareza ao mencionar cada comentário no momento de análise.

A fim de cumprir o que é proposto, serão elucidadas discussões e análises que contemplem o estudo de como ocorrem as expressões das variantes existentes na língua e como essas variantes são concebidas na rede social (facebook), com intuito de analisar os impactos que os *memes*, os comentários de *memes*, os compartilhamentos e engajamentos da rede *exercem* no que tange a disseminação do preconceito linguístico.

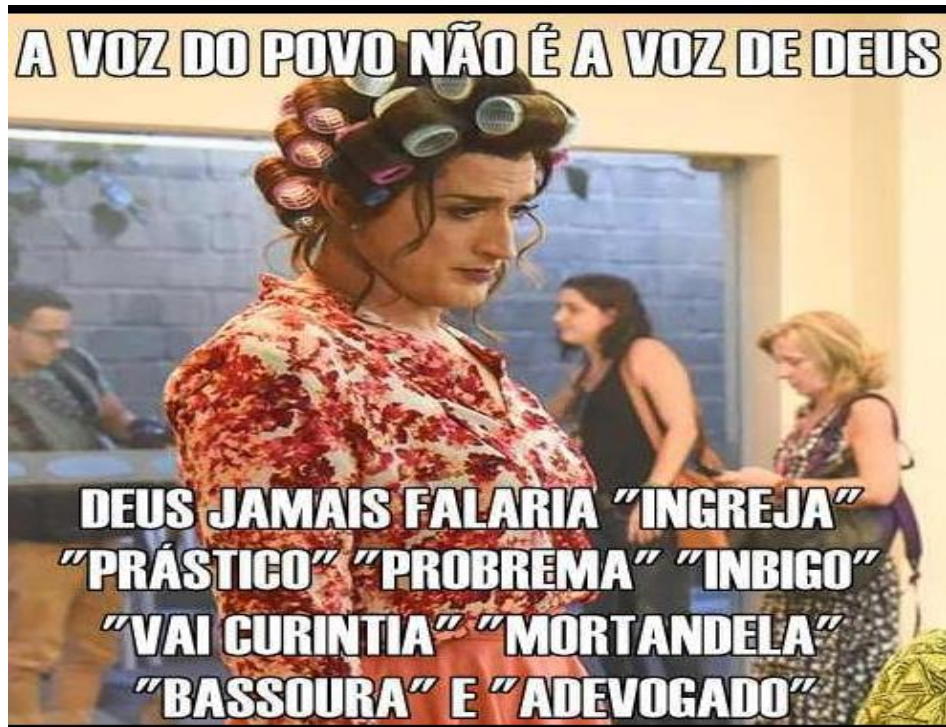
No próximo capítulo, iniciaremos a análise dos *memes* e comentários de *memes*, cujos critérios de análise já foram estabelecidos e explicitados no capítulo 4.

5 ANÁLISE DE MEMES E COMENTÁRIOS DE MEMES

Neste capítulo, partiremos efetivamente para a análise dos dados coletados neste período de pesquisa. Foram encontrados um total de 19 *memes* que corroboram para a disseminação do preconceito linguístico. Também será possível constatar por meio dos comentários que, grande parte do que é prescrito como “erro”, na verdade, se tratam de fenômenos que ocorrem na língua a partir de sua evolução com o decorrer do tempo.

5.1 ANÁLISE DE MEMES E COMENTÁRIOS

Meme 1:



Fonte: www.facebook.com < acesso em 3 Set. 2020 >

- Faltou as aulas de linguística né minha filha!
- (1) Curtir · Responder · 40 sem 1
- Verdade mesmo!
- (2) Curtir · Responder · 39 sem
- Judiam com português
Ela língua difícil de se compreender
- (3) Curtir · Responder · 40 sem
- Alerta preconceito linguístico
- (4) Curtir · Responder · 40 sem 1

No *meme 1*, título deste trabalho de pesquisa, é possível constatar a foto de Dona Hermínia, personagem criada e interpretada pelo ator e humorista Paulo Gustavo, que se inspirou em sua própria mãe para a criação da personagem. Dona Hermínia ficou conhecida a partir de uma peça teatral que tinha como título “Minha mãe é uma peça”. A personagem de

Paulo Gustavo alcançou sucesso ao demonstrar gestos e falas corriqueiros de mães da vida real e foi tão assertiva que virou filme e série na Netflix. O artista faleceu em 04 de maio de 2021 em decorrência de complicações da COVID-19, mas deixou a sua personagem eternizada na tv e na internet, através de diversos *memes* de teor humorístico associadas à personalidade da personagem. Neste meme de forma específica, se constata alguns processos fonológicos que retratam um processo bastante antigo na história da língua portuguesa, descrito por Bagno (2007) como *rotacismo*. Esse fenômeno passou a ocorrer em vários dos vocábulos com /r/ que, no encontro consonantal, apresentavam /l/ em sua forma latina. Dessa forma, as palavras “prástico” e “probrema”, se encaixam justamente nesse fenômeno que permeia a história da língua. O mesmo processo ocorreu com palavras advindas do latim como *clavu*, que se transformou no vocábulo em português descrito como *cravo*. Ademais, a troca entre fonemas /r/ e /l/ se justifica pelo fato de esses segmentos compartilharem de muitos traços distintivos. No japonês, por exemplo, esses dois elementos se comportam como realização de um mesmo fonema, uma vez que eles não têm implicações para o sentido.

Ainda vemos no *meme*, palavras como “ingreja” e “mortandela” representadas pelas variantes de prestígio como “igreja” e “mortadela”. Nesses casos, podemos verificar a ocorrência de um processo fonológico descrito “nasalização”, em que um fonema oral é realizado foneticamente como nasal. Na primeira palavra, a nasalização da vogal /i/ se justifica foneticamente pelo abaixamento do véu palatino que ocorre no processo de elevação da língua, uma vez que se trata de uma vogal alta (COSTA; MALTA, 2015).

Na segunda palavra, o processo que ocorre é, mais especificamente, um processo de nasalização progressiva, em que a vogal /a/ assimila o traço de nasalidade da consoante em posição de ataque na sílaba anterior. Tal processo é o mesmo encontrado na palavra *muito*, que tendemos a pronunciar como *muinto* (BOTELHO; LEITE, 2005). Entretanto, essa variedade não sofre estigma e nem preconceito, ao contrário do que podemos visualizar em “ingreja”.

Na pronúncia da palavra “inbigo”, em que a norma culta corresponde à “umbigo”, é possível constatar o processo de *metafonia*.

Na pronúncia “curintia”, que na norma culta, corresponde a “corinthians”, De acordo com Moura (2019, p. 104) podemos destacar mais de um processo fonético-fonológico:

Na pronúncia da variante da norma vernácula ‘curintia’, em par com a variante da norma culta ‘corinthians’, nos é possível identificar as seguintes ocorrências fonéticas: (i) o alteamento da vogal ‘ó’ para ‘u’, como um recurso de harmonização

vocálica; (ii) a síncope de fonema(s) no final do vocábulo, fenômeno conhecido como apócope. Na trajetória de mudança do latim para o português, Williams (1975, p. 112) anota os seguintes exemplos desse fenômeno: *centum* > *cento* > *cem*; *quantum* > *quanto* > *quão*; *tantum* > *tanto* > *tão*; *sanctum* > *santo* > *são*.

Ou seja, também se tratam de processos que ocorrem na língua desde a sua transposição para o PB, elucidando como surgem essas variantes na língua portuguesa.

Nesse *meme*, encontramos, ainda, a pronúncia “bassoura”, representada pela norma culta como “vassoura”. Esse fenômeno é um processo conhecido como “betacismo” (BASSO; GONÇALVES, 2014). São casos em que ocorreram mudanças fonéticas desde o latim vulgar e permeiam até o hoje na língua portuguesa. Ademais, também é possível constatar que no dicionário, instrumento de uso principalmente por aqueles que defendem a norma culta e a imposição de uma norma padrão, é possível averiguar ambas as palavras. Tanto “bassoura” quanto “vassoura” podem ser encontradas em alguns dicionários da língua portuguesa.⁹

Na pronúncia “adevogado”, descrita pela norma culta como “advogado”, ocorre também um processo fonológico conhecido como inserção vocálica. Tal fenômeno é conhecido como uma estratégia de reforço a fim de desfazer encontros consonantais não previstos no português em uma determinada posição silábica, como o /d/ em coda (SEARA et al, 2015). Esse fenômeno é também conhecido como epêntese e é muito comum em processos de reestruturação de sílaba, descrito também como *suarabácti* (ROMANO; SEABRA, 2017) que consiste, justamente, na inserção de uma vogal (neste caso, em epêntese) para desfazer encontros consonantais irregulares. Esse fenômeno não é algo rotineiro somente no PB, mas ocorre também no português europeu, por exemplo.

Podemos observar ainda que se atribui à “voz de Deus” algo perfeito, sem “erros”, superior aos demais falantes da língua, corroborando para um pensamento de que somente os que falam de acordo com a norma culta podem ser a “voz de Deus”, pois Ele jamais usaria as variantes estigmatizadas. Isso demonstra claramente um caráter preconceituoso no que tange à variedade linguística existente, que desconsidera os estudos científicos acerca da língua e de sua história, tratando de forma pejorativa todo falante que faz uso das variantes que não contemplam a norma culta e afirmando que os que se utilizam dela, ou seja, “a voz do povo”, não tem importância e nem prestígio diante da “voz de Deus”.

No comentário 1, o comentarista faz menção às aulas de linguística, demonstrando assim ter tido aproximação com esses estudos e, alegando que o tipo de *meme* (meme da dona

⁹ Consulta realizada em dicionário online Michaelis <https://michaelis.uol.com.br/palavra/oDv7/bassoura/>- Acesso em 03 de maio de 2022.

Hermínia) está desconsiderando os estudos linguísticos que explicam as variações ocorridas no *meme*.

No comentário 2, há uma concordância com o que está descrito no *meme*, ao mencionar “Verdade mesmo!”.

No comentário 3, o comentarista alega que as pessoas “judiam com português”, entretanto, em sua própria ortografia ocorrem alguns desvios da norma culta, visto que o prescrito pela gramática normativa seria “judiam **do** português”. Ainda na oração seguinte ele prossegue dizendo “Ela língua difícil de se compreender” e também não segue a prescrição de acordo com a gramática normativa, ao dispensar o uso de “é uma” para dar coesão à frase.

No comentário 4, o comentarista faz um alerta, deixando claro que compreende o preconceito linguístico no *meme* (meme da dona Hermínia), reconhecendo que o *meme* contém conteúdo preconceituoso no que tange à variação linguística e fazendo um “alerta” para que as pessoas se atentem para a evidência de preconceito linguístico existente no *meme*.

Meme 2:



Fonte: www.facebook.com < Acesso em: 9 de Set. 2020>.

Orgulho de ser mineira 🥰 e morar vizinha ao Berába. ❤️

(5)

Sotaque lindo demais!

(6) Curtir · Responder · 39 sem

Poderia um mineiro fazer lives assim, mostrando o jeito mineiro, principalmente no interior. Conheço um pouco, porque sigo um americano que às vezes, mostra lives dele as viagens que ele faz ao interior de MG.

(7) Curtir · Responder · 39 sem

Tenho orgulho e amo nosso geito mineiro de ser , tá tudo certo .

(8) Curtir · Responder · 39 sem



Muito bonito! Mas, nem tudo entendo.

(9) Curtir · Responder · 39 sem

Meme 3:



Fonte: www.facebook.com < Acesso em: 21 de Set. 2020>.

Ainda li com o sotaque das tias uai!!!- Perguntaram pro mineiro o que é UAI?? A resposta-Uai é uai,uai!!!

(10) Curtir · Responder · 37 sem



Kkkkkkkkkkk...essa lombêra e oigordo...morri

(11) Curtir · Responder · 37 sem



(12) Curtir · Responder · 37 sem



Otair Bispo 😊 😬 1
 (13) Curtir · Responder · 37 sem

O *meme 2* e o *meme 3*, tratam de abordagens acerca da variedade mineira. Nestes *memes* é possível ressaltar estereótipo acerca das diferenças regionais existentes e constituintes do PB que podem ser descritas como *variação diatópica*. No *meme 3*, a página destaca as palavras em “inglês”, “português” e “mineirês”, desconsiderando a variação mineira e a desconstituindo do português brasileiro. Ademais, não se encontram informações no *meme 1* e no *meme 3* ao que concerne a importância da variação linguística, abrindo margem para a disseminação do preconceito linguístico, constituindo assim, uma maior tendência a caracterização da disseminação deste preconceito às variedades mineiras, principalmente acerca da oralidade e variação fonético-fonológica que ocorre no *meme 2* e a variação lexical que ocorre no *meme 3*.

Calvet (2002) diz que os dialetos são variedades geográficas e que muitas vezes são vistas como inferiores por usuários de classes mais elevadas, que acreditam que existe uma língua “correta” que deve ser seguida como modelo, considerando que todo sotaque e/ou variedade linguística que foge do que é classificado como “correto” é inferior ou “errado”. Bagno (2009, p. 21) ainda diz que os próprios brasileiros que se dizem “letrados” não discriminam somente aqueles vistos como analfabetos ou semianalfabetos, mas também o modo que eles mesmos falam, a variedade utilizada em seu próprio meio social. Entretanto, essas variedades são reconhecidas e aceitas por documentos que preveem o ensino de língua, como prescrito nos próprios PCN’S (BRASIL, 1998, p. 26) que reconhecem que “No Brasil, existem muitas variedades dialetais” que identificam “geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam”.

Os comentários 6, 8 e 9 demonstram o preconceito acerca da variação diatópica, que ocorre de acordo com a região em que o falante vive e /ou mora, que é influenciada por hábitos de fala utilizados por essa comunidade em que o falante está inserido geograficamente. Os comentários se tratam de preconceito linguístico, pois assim como a variação mineira, possivelmente, os comentaristas pertencem à regiões distintas onde também ocorrem variações que não devem ser questionadas pois de acordo com Tarallo (2003) o principal objetivo é a comunicação ser efetiva na comunidade em que o falante está inserido. Por isso, falar que alguém deveria “explicar” o jeito mineiro é um desrespeito a variedade mineirês. Da mesma forma, não é necessária a compreensão de tudo o que o mineiro fala, visto que dispõem uma variedade do PB que possui mais semelhanças do que diferenças. A

principal comunicação de um mineiro se dá a outro mineiro quando moram na região de Minas Gerais, ou seja, eles compreendem-se uns aos outros. A medida que um mineiro viaja e/ou muda-se para outra região, terá que se esforçar para entender a sua nova comunidade a fim de se comunicar linguisticamente com outras variedades, então terá que adequar-se aquela variação para conseguir obter êxito em sua comunicação.

Nos comentários 5,6,8,10 e 12 se constata o orgulho dos usuários dessas variedades existentes e constituintes do PB, em especial, o *mineirês*, exaltando a beleza da variação linguística, principalmente ao que tange a *variação diatópica*.

Ainda sobre essa variedade existente no PB, Romano e Seabra (2017) afirmam que a língua é vista sob uma perspectiva “caricaturada” pois sempre está associada ao falar “da roça” e ao falar “caipira” na medida em que apresenta interjeições como “uai” ou ainda, “pelo uso do diminutivo e redução dos vocábulos, tais como “...pertim”, “..quietim”, “...Estantim” (ROMANO; SEABRA, 2017, p. 112 e 113)

Meme 4:



Fonte: www.facebook.com < Acesso em: 10 Set. 2020 >.

Ou não rs

(14) Curtir · Responder · 39 sem

Por causa de uma virgula já tive problemas!!1 kkakkkaaaakka

(15) Curtir · Responder · 38 sem

Verdade.

(16) Curtir · Responder · 38 sem

Kkkkk
Fato!

(17) Curtir · Responder · 38 sem

(18) Verdade

No *meme 4*, é possível averiguar uma crítica referente à falta da vírgula na frase “Vou ali comer gente”. A esse respeito, Cagliari (1998) atesta que a falta de pontuação ocorre desde o ensino infantil, pois os alunos não são ensinados desde o início da alfabetização das crianças, vindo a aprender acerca da necessidade de pontuação de forma posterior e, muitas vezes, ocasionando dúvidas no que tange aos momentos em que se deve utilizar as pontuações. Não é incomum nos depararmos com dúvidas acerca da utilização de pontuações como a vírgula, pois além do ensino de forma isolada na alfabetização inicial, muitas vezes o ensino é feito em frases isoladas e não em um contexto textual em que o aluno visualize a importância desta pontuação de forma abrangente. Ademais, segundo Tenani e Paiva (2020) a vírgula pode ser empregada com diversas finalidades, inclusive na oralidade, sendo uma de suas principais funções destacar pausas na fala, o que gera nos alunos dúvidas na hora do emprego dessa pontuação.

Além do que já foi exposto no *meme 4*, cabe enfatizar a propagação do preconceito linguístico, pois é apresentada na imagem uma crítica aqueles que não fazem uso da pontuação de forma cursiva, entretanto, é necessário compreender o contexto de fala do locutor no momento de comunicação. Basta refletirmos: se escrevemos uma mensagem e/ou falamos a alguém “vou comer gente” em um grupo de amigos, qual seria a nossa real interpretação? Isso realmente causaria estranhamento, ou ainda, acreditaríamos que alguém iria realmente “devorar” outra pessoa? Ademais, cabe o questionamento do motivo de utilizar-se de uma figura com uma pessoa que apresenta a cor negra para representar e elucidar a discussão acerca da vírgula.

A esse respeito, fica explícito que se trata de um preconceito que perpassa o preconceito linguístico e se assemelha à um preconceito social específico, que ainda é pouco discutido nos meios acadêmicos, mas cada vez mais recorrente aos estudos linguísticos e que se enquadra no que é descrito com **racismo linguístico** (NASCIMENTO, 2019).

Tarallo (1998) nos diz que o principal objetivo da fala é transmitir a mensagem e ser compreendido. Neste *meme*, ao visualizarmos a imagem que representa um canibal, com um garfo na mão, compreendemos o discurso do que é exposto no *meme* por um recurso visual,

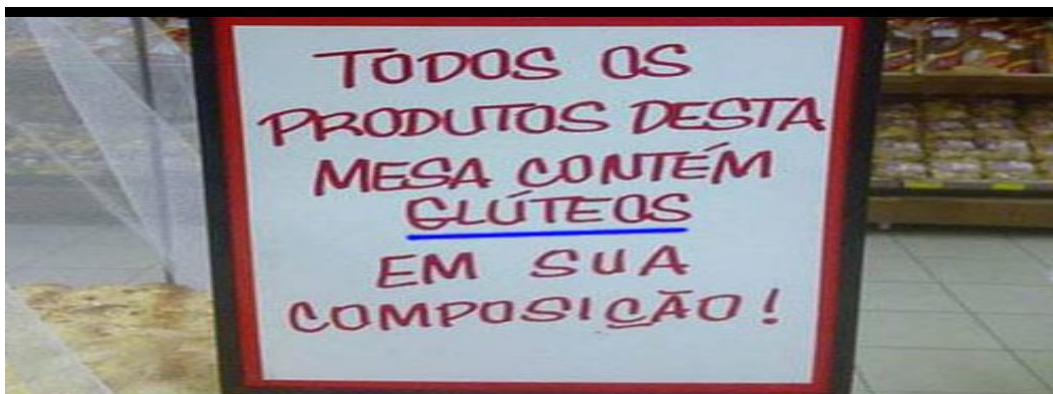
mas em nosso dia-a-dia, se alguém utilizar essa frase, seja de forma escrita ou oral, jamais pensaremos que se trata de uma pessoa canibalista, com intuito de devorar alguém. Isso também nos fala sobre o que Calvet (2002) diz, acerca da importância de adequarmos a fala para o contexto em que estamos inseridos. Se estivermos em um local, rodeado de canibais, possivelmente compreenderemos que a frase “vou ali comer gente”, se trata de um indivíduo que irá realmente devorar outra pessoa. Mas se estamos em meio à uma realidade em que esse contexto não se enquadra, logo, compreenderemos que essa pessoa está nos alertando que “irá logo ali” procurar algo para comer e está avisando as demais pessoas presentes naquele local.

Ainda podemos encontrar no comentário 14, um comentarista que alega ter tido problemas por causa de uma vírgula. Isso se dá, conforme já descrito, pelas diversas possibilidades de emprego dessa pontuação, o que em muitos casos, traz dificuldade e confusão no que diz respeito ao seu uso.

O comentarista 14 diz: “ou não rs” e não deixa explícito o seu posicionamento acerca do *meme*, mas também demonstra achar engraçado ao mencionar uma variedade da internet que caracteriza o “riso”, abreviado como “rs”.

Nos demais comentários, constatamos que muitos “debocham” da situação, demonstrando em suas interações figurinhas e mensagens como “kkk”, “rs” ou ainda dizem ser uma “verdade”, um “fato” o que está sendo relatado por meio do *meme*.



Meme 5:



Fonte: www.facebook.com – <Acesso em: 12 de Set. 2020>.

Na compra de 10 unidades, você ganha um laxante.

(19) Curtir · Responder · 38 sem

- Pra quem gosta de bunda agora e a hora
- (20) Curtir · Responder · 38 sem
- 🤔🤔🤔🤔
- (21) Curtir · Responder · 38 sem
- 
- (22) Curtir · Responder · 38 sem
- (23) Olha  Goes kkkkkk

No *meme* 5, o criador da mensagem tenta passar a palavra “glúten” para o plural “glúteos”, fazendo uma generalização das regras gramaticais que se baseiam no acréscimo do “s”. Isso ocorre principalmente na fase inicial da alfabetização, pois as crianças tendem a utilizar a forma ortográfica já conhecida por elas, no caso de “glúten” na tentativa de ajustar o plural para a norma culta, escrevem e/ou falam “glúteos”.

Nesses casos, a pessoa por não ter convicção da grafia “correta”, na hora de escrever, acaba por interpretar a forma convencional de forma equivocada, como é o caso de “glúteos”.

Em relação aos comentários, é possível verificar que no comentário 20, o comentarista acha engraçada a grafia não convencional utilizada, ao passo que no 21 é utilizada uma figurinha que tenta expressar um posicionamento voltado a intenção de não ver o *meme*, pois a figurinha demonstra um juiz de esporte cobrindo os olhos com as mãos. Ademais, no comentário 23, além do participante demonstrar gargalhadas pela expressão utilizada no internetês como “kkkkk”, ele também marca outra pessoa para que olhe o *meme*.

Meme 6:



Fonte: www.facebook.com < Acesso em: 18 de Set 2020 >.

- (23) kkkkkkkk 😂 1
- (24) Curtir · Responder · 37 sem 😂 3
- (25) Curtir · Responder · 37 sem 😂 1
- (26) fui alfabetizada ã, só me pularam d série 😂😂😂 1

No *meme* 6, se utiliza a imagem do personagem Homer Simpson, da famosa série “Os Simpsons”. O personagem caracterizado no *meme*, segundo a série, se trata de um “patriarca alienado pela TV que trabalha duro na Usina Nuclear de Springfield e que bebe cerveja” (RESENDE, 2019, p. 21). Segundo a autora, o âncora do Jornal da Rede Globo, William Bonner, descreveu os seus telespectadores a partir do nome de Homer Simpson, alegando que eles assistem e não compreendem as reportagens da forma correta e que encontram dificuldades para entender sobre determinados assuntos, como política e economia. (RESENDE, 2019). Ou seja, o *meme* corrobora para a reafirmação do que o jornalista alega, concordando com o que é postulado por ele ao utilizar-se deste personagem para descrever uma sátira a respeito de alguém que não tem facilidade de compreensão de um texto, e mais,

classifica que o personagem, por suas dificuldades e limitações, sequer poderia ser considerado como alfabetizado.

Partindo dos pressupostos postulados, se constata uma concepção equivocada de alfabetização. De acordo com Cagliari (1995) a alfabetização inicia-se na infância e não garante a compreensão de qualquer texto por parte do aluno, pois ele ainda está passando por processos de evolução em sua aprendizagem. Sendo assim, a alfabetização não garante à uma pessoa a compreensão de determinados textos, mas sim a sua aproximação com diferentes gêneros textuais que se adequem à realidade linguística à que ele pertence.

Os PCNS's (BRASIL, 1998, 2000) e a BNCC (BRASIL, 2017) exaltam a importância de o professor trabalhar em sala de aula com a contextualização de diversos gêneros textuais que permitam a aproximação do (a) aluno(a) a fim que compreendam e ampliem o seu conhecimento de mundo. Entretanto, se esse trabalho não é desenvolvido no contexto escolar, então nem mesmo inserido(a) nesse meio, o (a) aluno(a) poderá se dizer “alfabetizado”.

Acerca dos comentários, no comentário 24 o indivíduo marca outras pessoas para que vejam o *meme*. Já nos comentários 25 e 26 vemos os participantes se identificando com o *meme* ao relatarem “leio o texto e não entendo nada” e outro: “fui alfabetizada ã, só me pularam d série”, todavia, como é explicitado por Rojo (2019) é necessário compreender o conceito de alfabetização, visto que uma pessoa para ser considerada alfabetizada há algumas décadas, precisava somente saber escrever o seu nome, ou seja, partindo desta perspectiva, se constata que somente o fato do(a) participante estar conseguindo compreender o *meme* e interagindo para além da escrita do seu nome, ele(a) já seria considerado(a) alfabetizado (a). Ainda sobre a alfabetização, a autora diz que:

Na verdade, alfabetizar-se pode ser definido como a ação de se apropriar do alfabeto, da ortografia, da língua que se fala. Isso quer dizer dominar um sistema bastante complexo de representações e de regras de correspondência entre letras (grafemas) e sons de fala (fonemas) numa dada língua (ROJO, 2019, p. 15).

A autora também conta que com o decorrer dos anos, a “elite” compreendeu que somente escrever o seu próprio nome não poderia ser suficiente para considerar alguém como alfabetizado e então passou a alterar esse conceito a partir da ideia de que para ser considerado alfabetizado, o indivíduo deveria ser capaz de ler e compreender uma frase pequena que fizesse parte do seu cotidiano.

Por fim, na atualidade se compreende que uma pessoa alfabetizada deve ser capaz de se engajar na contemporaneidade de sua cultura e comunidade por meio de toda a gama de alfabetização envolvida nesse meio. Ou seja, ainda que a ideia de alfabetização tenha passado por mudanças, o(a) comentarista demonstra ser alfabetizada, inclusive, porque está engajada no que tange a compreensão do gênero textual/discursivo *meme* e ainda se utiliza do internetês ao abreviar o uso de palavras em seu comentário.

Meme 7:



fonte: www.facebook.com. < Acesso em: 25 de Set. 2020 >.

Gorda e cara, né? kkk

(27) Curtir · Responder · 36 sem



(28) Curtir · Responder · 36 sem

Como um til faz falta kkkkk

(29) Curtir · Responder · 36 sem

kkkkk

(30) Curtir · Responder · 36 sem

Kkkkkk..neh!

(31) Curtir · Responder · 36 sem

No *meme 7* vemos descrita a palavra “sua” que de acordo com a norma culta, se refere a palavra “suã”¹⁰. Essa divergência ocorre, segundo Cagliari (1998) devido a semelhança ortográfica e, em muitos casos, a não obrigatoriedade do uso de acentuação em determinados contextos.

Sobre os comentários, vemos no 27,29,30 e 31 novamente os comentaristas achando engraçado o *meme*. No 29 o comentarista ainda acrescenta “como um til faz falta kkkkk”, todavia é possível compreender por meio do contexto e da realidade situacional que se trata da carne de “suã” (parte do porco).

Um dos comentaristas (comentário 28) podemos ver uma figurinha, de um cachorro sentado chorando, o que nos faz compreender por meio do comentário a tentativa de expressar tristeza por parte do comentarista ao ver o *meme*, demonstrando por meio de seu comentário a inaceitabilidade de qualquer variedade que possa fugir da norma culta.

Meme 8:

¹⁰Segundo a definição do Dicionário Online Aurélio, suã é a “carne de porco localizada na parte inferior do lombo. Espinha dorsal do porco.”

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=su%C3%A3> – Acesso em 15/06/2021.



Fonte: www.facebook.com – <Acesso em: 26 de Set 2020>.

Comentários meme 8:

#ForaBolsonaro



(30) Curtir · Responder · 36 sem

O único acerto foi Renato ! 🤔



(31) Curtir · Responder · 36 sem

Esse valor eu tenho condições de pagar 😂

(32) Curtir · Responder · 35 sem

Inteligente a propaganda. Se ñ fosse colver ñ teria erros de português. 😂

(33) Curtir · Responder · 36 sem

(34) Pior é ter que ver a participação especial do João Benga

No *meme* 8 várias palavras não estão de acordo com a norma culta. São elas “Ruço”, “colver”, “femonêmo”, “partissipassão”, “espessial”, “ingreço” “antessipado” que se referem na norma padrão a “russo”, “cover”, “fenômeno”, “participação”, “especial” e “ingresso”. No fonema “colver”, “partissipassão”, “espessial”, “ingreço” e “antessipado”, ocorre o processo de *hipercorreção*. Na tentativa do falante em se ajustar na norma padrão, acaba desviando dela (BORTONI-RICARDO, 2004 *apud* GOMES, 2008).

Na grafia “femônemo”, se trata de um caso de permuta ou *metátese*, em que se transpõe e/ou desloca-se um fonema na mesma sílaba, ocorre corriqueiramente em palavras como *iogurte* > *iorgute* e *cardaço* > *cardaço*.

Vale ressaltar nestes casos ainda o que Cagliari (1998) explica acerca da alfabetização, fundamentando que alguns desses fenômenos ocorrem na escrita porque o falante, por vezes, se utiliza de sua forma oral para fazer a transcrição na grafia, o que, apesar de ser desconsiderado diante da norma culta, ocorre com frequência, principalmente nos primeiros anos de ensino em que a criança começa a fazer descobertas acerca do uso da língua e tenta fazer associações acerca deste uso, em muitos casos, variando na fala e na escrita.


Acerca dos comentários, no comentário 30 vemos um posicionamento pautado em ideologias políticas em que o (a) comentarista declara “#forabolsonaro mas não descreve de forma explícita qual a relação do viés político com o *meme* em questão.

Nos comentários 31 e 33 lemos: “o único acerto foi Renato e “inteligente a propaganda. Se não fosse colver não teria erros de português”. Ambos tratam de noções equivocadas de “acerto” e “erro”. Partindo desses comentários, constatamos o que prescreve Bagno (2017) que atesta que na PB as pessoas acreditam existir o **certo** e o **errado** e que sempre é compreendido como certo, correto e bonito o que é utilizado pela elite, diminuindo e considerando “feio”, “errado” e “antiquado” a variedade utilizada por classes que possuem menor prestígio social. Acerca disso, cabe a reflexão e o questionamento acerca desta imposição daquilo que é “certo” e “errado”, pois quem impõe o que é aceito ou não são as minorias que ocupam as altas escalas socioeconômicas.

Nos comentários 32 e 34 não se nota nenhum tipo de preconceito, pois os comentaristas se pautam em questões de valores e preferências pessoais.

Meme 9:






Não é **ATA** que se escreve quando se entende o que foi dito. O correto é:

 **Ah, tá!**

Ata é um documento.

Fonte: www.facebook.com < Acesso em 03 de Out. 2020 >.

:

- (35) A língua é dinâmica, a norma culta não acompanha 😞. Não consigo acompanhar as mensagens do meu sobrinho de 10 anos (na escola ele escreve o português do Brasil direitinho), imagine a dos jovens 🤔😂😂. A gente que lute.  1
- (36) Ata, menas, mim fazer! Não basta um post! Tem que voltar para a escola   4
- (37) Então podemos retirar da ata, quando alguém afirmar dizendo ata. Kk   2
- (38) Tendi..!
Então ATA é aquele papel que sai no fim da reunião. 😂😂😂😂

Na palavra “Ata”, correspondente à norma culta “Ah, tá!”, ocorre um fenômeno chamado *hipossegmentação* (SILVA, 2011), que se trata da carência de separação na palavra, ou ainda, a ausência do espaço em branco necessário na palavra. Entretanto, cabe a discussão acerca dessa variante, ao constatarmos que, atualmente, se utiliza “Ata”, com o intuito de expressar “irônia”. Essa variante se tornou aceita principalmente nas redes sociais devido à grande repercussão do *meme* da “turma da Mônica”, onde a personagem aparecia em frente ao

computador e, em sua tela, estava centralizada a palavra “Ata”, como se pode observar abaixo:

Figura 2:



fonte: www.g1.globo.com <Acesso em: 18/06/2021>

A partir deste *meme*, podemos averiguar a assertiva de Labov (2008[1972]) ao mencionar a língua como um instrumento variável, pois ele atesta que a mudança se inicia na variação que ocorre nos discursos dos falantes e depois se propaga, alcançando regularidade e, sendo adotada pelos falantes que antes se opunham à determinada variante que outrora sofria estigma, exatamente o que ocorre neste *meme*.

É de suma importância elucidar questões como essas a partir do que é descrito como “errado” no *meme* 9, pois de acordo com o que prescrevem os PCN’s essa noção de *erro* necessita ser ressignificada, principalmente em contexto escolar, para que o(a) aluno(a) possa refletir acerca da sua própria linguagem, pois como discutido anteriormente, o *internetês* está cada dia mais presente em nossa realidade social, sendo visto e utilizado com recorrência por todos os usuários das redes sociais. Barbosa e Mollica (2015) afirmam que essa noção de *erro* ao tratar de língua é uma forma “dicotômica” e “reducionista”. Dessa forma, se compreende a importância do professor ao explicitar essas variantes a fim de que o(a) aluno (a) possa estabelecer ponte entre aquilo que vivencia e aquilo que é ensinado pelo professor no âmbito escolar. Por se tratar de uma página de rede social voltada para professores e profissionais envolvidos com o contexto escolar, se torna impossível não questionar o posicionamento partindo do *meme*, pois através dele se dissemina o preconceito linguístico e demonstra que, apesar da página estar inserida em uma rede social, se desconhece dos fenômenos linguísticos que permeiam esse contexto.

No comentário 35, é possível constatar que se trata de alguém com certo conhecimento linguístico, que compreende a língua, como atesta Labov (1972), como um sistema heterogêneo, que está em constante mudança. Entretanto, a língua muda de acordo com a

cultura, época e região, a fim de suprir as necessidades comunicativas de determinada época e/ou região, visando atender às necessidades de determinados grupos de falantes. (LABOV, 1972).

Já no comentário 36 é possível explicitar uma das marcas do preconceito linguístico, explanada por Bagno (2007). O indivíduo alega que é preciso “voltar para a escola”, porém, a escolaridade não garante a ascensão social de um indivíduo, nem mesmo o domínio total da norma culta, o que evidencia nos comentários a infundamentação do argumento citado.

Nos comentários 37 e 38, os comentaristas brincam com o uso da palavra “ata” visto que na atualidade, a mesma palavra pode ser ambígua, tendo dois significados distintos. Todavia, é possível destacar que ao passo que são escritas de formas semelhantes, ao analisá-las por meio da fonética, é possível constatar a mudança no som no momento de pronúncia da palavra.

Meme 10:



Fonte: www.facebook.com. <Acesso em: 03 de Out. 2020>.



(39) Curtir · Responder · 35 sem

Tem algo errado aí kskskks

(40) Curtir · Responder · 35 sem



(41)



(42) Curtir · Responder · 35 sem



(43) Curtir · Responder · 35 sem

No *meme 10*, vemos a palavra “adore”, que na norma culta é descrita como “doure”. Nessa palavra, podemos observar novamente o fenômeno *prótese*, que se trata da inserção de um fonema ao início da palavra, além da monotongação do ditongo /ow/> [o]. (FREITAG, 2021) O mesmo ocorre repetidamente no PB em palavras como: *lembrar – alembrar, arrebentar – rebentar* e muitas vezes remete a formas arcaicas. Apesar de ser um fenômeno recorrente, é necessário compreender, assim como nos afirma Tarallo (1998) o contexto em que está sendo desenvolvida a conversa. Aqui, claramente, identificamos que se trata de uma conversa direcionada a orientações acerca de algo que está sendo colocado no fogo, logo, compreendemos que o falante está se referindo a algo relacionado a esse contexto, sendo possível constatar a fala do locutor como passível de compreensão e que não se trata de uma possibilidade plausível compreender o verbo “dourar”, descrito no *meme* como “adore”, como uma real adoração a algo ou alguém.

Acerca dos comentários, se averigua que no comentário 39 o comentarista usa uma imagem para tentar explicar sua opinião a respeito do *meme*. Na imagem utilizada por ele (a), diz que seria maravilhoso se as pessoas soubessem que são “estúpidas”. Não é possível

analisar se o comentarista diz a respeito do rapaz do *meme* que faz chacota ao uso do “adore” ou se ele(a) está se posicionando acerca do uso da palavra “adore” em desacordo com a norma culta.

No comentário 40 o comentarista diz “tem algo errado aí”, novamente atestando uma noção equivocada sobre “erro”.

Nos comentários 41, 42 e 43 os comentaristas acham engraçado esse tipo de *meme*, demonstrando por meio de figurinhas e de risos seu posicionamento.

Meme 11:



Fonte: www.facebook.com. <Acesso em: 16 de Out de 2020>.

- Não merece mesmo os parabéns, devia ter sido melhor e ter a capacidade de ensinar português para esse aluno. Não existe aluno ruim, existe aquele professor que não aprendeu a ensinar, isso é uma pena, mas existe! 😞👍👎👎👎 4
- (44) Curtir · Responder · 32 sem · Editado
- Então só fez o trabalho certo... Parabéns para ele 🤔🤔🤔🤔🤔 2
- (45) Curtir · Responder · 32 sem
- Misericórdia 🤔🤔
- (46) Curtir · Responder · 32 sem

Viva a aprovação automática!
 Viva Paulo Freire!
 Viva a Pátria Educadora!
 Viva o ECA!

(47) Curtir · Responder · 32 sem



(48) Curtir · Responder

Neste *meme* (11), temos a frase: “Parabeins para todus us profeçoris menus pru di portugueis qui mi reprovól 3 veis não cei purque”. Esta frase pode ser compreendida na norma culta por “Parabéns para todos os professores, menos para o de português que me reprovou 3 vezes não sei por quê.”. Nesta frase ocorrem vários fenômenos fonológicos, a iniciar pelo “parabeins” que se trata de um fenômeno chamado de *ditongação* que, segundo Silva (2011, p.93) ocorre quando há “inserção de um glide após uma vogal ou transformação de um monotongo em ditongo”, ocorre comumente em palavras como, *mas>ma[i]s*. Nas palavras “todus” “us” “menus” “purque” é possível perceber o processo de *metafonia*, que segundo Callou e Leite (2005, p. 43) “É o processo diacrônico que irá explicar a passagem de metu a m[e]du; sincronicamente, plurais como form[o]sos, comp[o]stos que a norma culta rejeita explicam-se também por extensão da regra de metafonia.”

Segundo os autores, esse fenômeno ocorre em sílabas átonas, em que a vogal “e” passa a se tornar “i” e a vogal “o” passa a se tornar “u”. Neste caso, também pode ter ocorrido uma transcrição fonética pautada no dialeto mineiro, pois no estado de Minas Gerais é muito comum a troca da vogal “o” pela vogal “u” em sua fala, o que também é pode ser considerado alçamento vocálico, quando o “o” é pronunciado como “u” e o “e” é pronunciado como “i”. (CARMO, 2018).

A esse respeito, Cagliari (1998) esclarece a importância do professor responsável pela alfabetização inicial da criança, compreenda esses fenômenos que ocorrem na língua, a fim de que possa explicitar ao aluno (a) o porquê dessas diferenças e como ele deve adequar a linguagem de acordo com o contexto de fala. Ademais, é necessário que o professor conheça acerca dos processos fonéticos fonológicos para explicitar ao aluno(a) que não se trata de um “erro” ou de um processo “aleatório”, mas que se tratam de processos que constituem o PB. A partir dessa reflexão, o professor terá subsídios para fazer o aluno compreender que a escrita não pode ser atrelada somente à transcrição fonética falada, explicitando que a ortografia muitas vezes, se afasta da forma falada.

Em relação aos comentários, vemos no 44 um(a) comentarista dizer que a culpa é do profissional que “não ensinou português” como deveria. Porém, é necessário considerar todo o contexto, inclusive o de ensino-aprendizagem do próprio professor. O professor, conforme atestam os Documentos Oficiais PCN’s (BRASIL, 2000) e BNCC (BRASIL, 2017) é o mediador entre o conhecimento e o ensino-aprendizagem do aluno, todavia, não é um papel que pode ser desenvolvido somente pelo professor, mas um trabalho em conjunto em que o professor provoca reflexões acerca da língua para que o aluno acesse novas possibilidades disponíveis à ele, proporcionando condições ao aluno de aumentar o seu repertório linguístico por meio de discussões desenvolvidas em sala de aula. Porém, bem como prevê os documentos oficiais, o professor precisa conduzir o aluno por meio do respeito à todas as variedades existentes em sala de aula. Como é um processo individual, se faz necessário o envolvimento do aluno para que ele possa compreender em quais situações deverá utilizar a norma culta, ensinada na escola. O aluno tem papel fundamental no ensino-aprendizagem das variedades, inclusive, ao que tange ao ensino da norma-culta.

Em contraste ao comentário 44, temos o comentário 45 em que o(a) comentarista atesta que o professor só fez o seu trabalho ao reprovar o aluno pela sua escrita, que está de parabéns. Todavia, como já explanado, o trabalho com o ensino da língua deve ser contextualizado e se trata de um trabalho conjunto do professor com os alunos (BRASIL, 2017).

No comentário 46, o (a) comentarista diz “misericórdia” . No dicionário¹¹ a palavra misericórdia é descrita como “sentimento de pesar ou de caridade despertado pela infelicidade de outrem; piedade, compaixão”. Ou seja, a pessoa que não utiliza-se da norma-culta é visto diante deste(a) comentarista como alguém digno de piedade e compaixão. Ademais, ainda demonstra achar engraçado através dos emoticons de risos, demonstrando estar “chorando de rir” da situação e do *meme*.

No comentário 47, o(a) comentarista trata o *meme* por meio de um viés político, alegando que tudo o que consta no *meme* é graças à exaltação do Paulo Freire, e “À pátria educadora”.

No comentário 48, se vê, novamente, emoticons que demonstram que o (a) comentarista está chorando de rir da situação e do *meme* em questão.

¹¹ Dicionário online <https://www.dicio.com.br> <Acesso em 02 de abril de 2022.>

Meme 12:



Fonte: www.facebook.com. < Acesso em : 17 de Out. de 2020 >.

- (49) Sangue de Jesus tem poder.
Curtir · Responder · 31 sem
- (50) Podia se apaixonar pelas aulas de português né!!! 😂😂😂
Curtir · Responder · 31 sem 1
- (51) Kkkkkk....vixi acabou com português....assassinou legal
Curtir · Responder · 31 sem
- (52) 😂😂😂
Curtir · Responder · 31 sem
- (53) 
Curtir · Responder · 31 sem

No *meme 12*, encontramos as palavras “mim”, “apachonei” “pesoa” “é rada”, “vosê”, “conto”, “esto” e “sofreno”, que correspondem de acordo com a norma culta às palavras “me”, “apaixonei”, “pessoa”, “errada”, “você”, “quanto”, “estou” e “sofrendo”.

Novamente, existe uma explicação para essa variedade utilizada. Segundo Gaspar e Carmo (2019, p. 85) se trata de uma questão que ocorre nos pronomes oblíquos “me” e “mim”. Ainda é possível que se relacione com a variação entre “eu” e “mim” ocupando a

posição de sujeito, como no exemplo citado pelas autoras em “isto é complicado para eu fazer” e “isto é complicado para mim fazer”.

Sobre as palavras “apachonei”, “pesoa”, “vosê”, são casos de *hipercorreção*, em que o autor das frases, por possuir dúvidas em sua grafia, acaba optando pela grafia não-convencional na busca pela convencional.

Na palavra “é rada” ocorre a *hiperssegmentação*, processo fonético-fonológico que ocorre através da separação silábica, além da *sístole*, que ocorre quando há um deslocamento do acento tônico de um vocábulo.

A palavra “esto” sofrem um processo descrito como *apócope*, que ocorre quando há supressão sonora no final do vocábulo

Em “sofreno” o que ocorre é a assimilação, processo fonológico que consiste na aproximação parcial ou total de dois segmentos por conta da influência que um exerce sobre o outro (COELHO *et. al.*). Nesse caso, o fato de os segmentos /n/ e /d/ possuírem o mesmo ponto de articulação (alveolar) faz com que um dos elementos seja assimilado a fim de se reduzir o esforço articulatorio. É importante ressaltar que a vogal média /o/ em posição átona e em coda silábica é normalmente realizada como a vogal alta posterior [u].

Abaixo desta frase, vemos o comentário de uma pessoa que diz sofrer por não estar conseguindo ler, seguido de vários emoticons, dentre eles, o que mais aparece é o de “riso”. A partir deste posicionamento do comentarista, se faz necessário esclarecer que qualquer tentativa de diminuir a variedade utilizada por outro indivíduo, por meio de palavras ou “risos” é classificado como preconceito linguístico, pois:

A língua não é simplesmente um ‘meio de comunicação’ – ela é um poderoso instrumento de manutenção ou ruptura de vínculos sociais, de preservação ou destroçamento das identidades individuais, de promoção ou de humilhação, de inclusão ou de exclusão. (BAGNO, 2007, p.83)

Sobre os comentários, no 49, o(a) comentarista diz “sangue de Jesus tem poder”, como se fosse uma “aberração” ou algo que só Jesus para intervir. Pensando acerca do que o sangue de Jesus significa para o cristão, que crê em Jesus, se compreende que o contexto da utilização da referência ao sangue de Jesus significa a proteção contra o mal. Logo, o(a) comentarista deixa explícito em seu comentário que só o “sangue de Jesus” para dar poder contra o “mal” (contra aquele que não utiliza a norma culta).

Em seguida, nos comentários 50 e 51 fica evidente o preconceito linguístico acerca das variedades do PB quando se referem ao ensino de português nos comentários: “Podia se

apaixonar pelas aulas de português” e “asassinou” o português. Além disso, no comentário 51 o comentarista que critica o português prescrito no *meme*, utiliza a palavra “asassinou” que também se trata de um processo descrito como *hipercorreção* que é a tentativa de se adequar à norma culta, todavia, não obtém êxito nesta tentativa, acabando por se desviar do que compreende como “correto”. (BORTONI-RICARDO, 2004 *apud* GOMES, 2008).

No comentário 52 se vê, novamente, o(a) comentarista achar engraçado o que está descrito no *meme*. Levando em consideração de que o *meme* dissemina de forma escancarada o preconceito linguístico, se compreende que não seria de bom tom achar “graça” de algo que não deveria ser considerado engraçado.

Por fim, no comentário 53, o(a) comentarista utiliza a figurinha de uma menina negra, com a mão na cabeça, o que faz com que se repensemos: qual o sentido, neste contexto em que o preconceito linguístico é evidente, a utilização de uma figurinha de uma menina negra? É possível constatar neste comentário o que abordamos no capítulo anterior, pois não se trata somente de preconceito linguístico, mas **racismo linguístico**, pois a partir do envolvimento desta imagem associada ao preconceito, fica perceptível a desvalorização da raça, ao associá-la com o que é evidenciado no *meme*.(NASCIMENTO, 2019).

Meme 13:



Fonte: www.facebook.com. < Acesso em: 19 de Out. de 2020 >.

E bêbado precisa saber ler!!!!

(54) Curtir · Responder · 31 sem

- (55) Curtir · Responder · 31 sem
- (56) Curtir · Responder · 31 sem
- (57) Curtir · Responder · 31 sem
- (58) Curtir · Responder · 31 sem

No *meme 13*, é possível verificarmos algumas grafias não-convencionais em palavras como “pressos” “cristau” “isquin” “iscó” “xopi” “deivaça” e “rainique”, prescritas pela grafia convencional como “preços”, “cristal”, “whisky”, “Skol”, “shopping”, “devassa” e “Heineken”. Nessas palavras, ocorrem o fenômeno de *hipercorreção*, além de ser perceptível a transcrição fonética utilizada pelo anunciante, pois é possível a constatação da similaridade na grafia utilizada com a pronúncia das palavras. É importante ressaltar que, apesar da utilização da grafia não convencional no cartaz, é possível compreender as palavras utilizadas pelo anunciante sem a perda do sentido ao transmitir a mensagem desejada (TARALLO, 1998).

Ademais, as palavras como Whisky, Skol, shopping e Heineken, são palavras de empréstimos lexicais do inglês, obviamente, que ao utilizar tais palavras no PB, pronunciaremos e escreveremos de forma “aportuguesada”, tomando como base o conhecimento acerca do PB (MULLER, 1979).

Esse processo ocorre em diversas palavras trazidas do inglês para o português e em alguns casos, já são aceitas pela norma culta de acordo com a referência ortográfica do PB. Exemplo disso, é a palavra futebol (do inglês *football*) e xampu (do inglês *shampoo*). Ademais, também existem palavras emprestadas de outros idiomas em que ocorrem as mesmas mudanças ao adequar o seu uso para o PB.

Acerca dos comentários, no 54 e 56, se compreende um preconceito relacionado à escrita e a leitura. Além disso, o (a) comentarista ressalta no comentário 54: “E bêbado precisa ler!!!!” demonstrando que, além do preconceito linguístico internalizado em seu comentário, existe um preconceito social, ao alegar que um “bêbado” não precisa saber ler. Sobre isso, a PNE (Política Nacional de Educação) e o decreto intitucionalizado pelo número

nº 9.765, prescrito em 11 de abril de 2019, atesta que “ a alfabetização é um direito de **todos**”.

No comentário 55 o (a) comentarista diz que não precisa ser “bom” na forma de escrever, pois o principal no caso do comerciante é ser bom em “exatas”. Neste comentário, também é possível perceber que a variedade utilizada pelo comerciante não é vista como “boa”, pois não atende os requisitos exigidos pela norma culta, porém, “pelo menos” ele é bom em alguma coisa, visto que sabe descrever os valores “corretamente”.

O comentário 57, o(a) comentarista somente diz que gostaria de tomar algumas no valor especificado no *meme*.

Já no comentário 58, novamente se constata o uso de “misericórdia”, como se fosse algo que necessitasse de “piedade” por não atingir os níveis elevados exigidos para se adequar a norma culta.

Meme 14:



Fonte: www.facebook.com – Acesso em: 19 de Out de 2020

- (59) Quando o corretor se torna um inimigo 😂😂😂
Curtir · Responder · 31 sem
- (60) Uiii
Curtir · Responder · 31 sem
- (61) Essa doeu.
Curtir · Responder · 31 sem



Neste *meme* (14), o(a) usuário(a) da rede social faz a seguinte postagem “Os humilhado serão asaltado...”. Na norma culta, essa frase é prescrita como “Os humilhados serão exaltados”. Podemos constatar que a usuária da rede escreve no plural, pois inicia a sua frase com “Os”, entretanto a seguir ela utiliza “humilhado” no singular.

O que ocorre em “Os humilhado” é descrito por Tarallo (1990) como uma *variável linguística* que consiste no modo como são feitas as marcações no sintagma nominal (SN) e podem reter a marcação de plural ou não:

O plural do português é marcado redundantemente ao longo de SN: no determinante, no nome-núcleo e nos modificadores-adjetivos. A variação na marcação do plural no SN pode, portanto, tomar as seguintes formas: 1. aS meninaS bonitaS; 2. aS meninaS bonita; 3. aS menina bonita. Em (1), nosso suposto falante reteve a marca do plural ao longo do SN, espelhando assim em seu desempenho linguístico a norma-padrão do português. Em (2) o falante retém a variante(s) na posição de determinante e de nome-núcleo, mas lança da variante (0) para a posição de adjetivo-modificador. Em (3), o falante utiliza-se da variante não-padrão (0) nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial. (TARALLO, 1990, p.9)

Na palavra “asaltado” ocorre o fenômeno descrito como *hipercorreção*¹² e ainda o mesmo processo de perda de plural descrito acima por Tarallo (2003), permitindo a identificação da variação descrita pelo autor como “3” e classificada como “variante não-padrão”, retendo a marca de plural somente na posição de início.

Ainda sobre o *meme* 15, é possível verificarmos um comentário que diz “Pela mor de Deus moça, já não basta ser humilhado”. Nesta frase também é possível verificarmos a perda do “a” da palavra “amor” que também marca um processo fonético fonológico descrito como *aférese* que se trata da supressão de fonema ou sílaba no início da palavra.

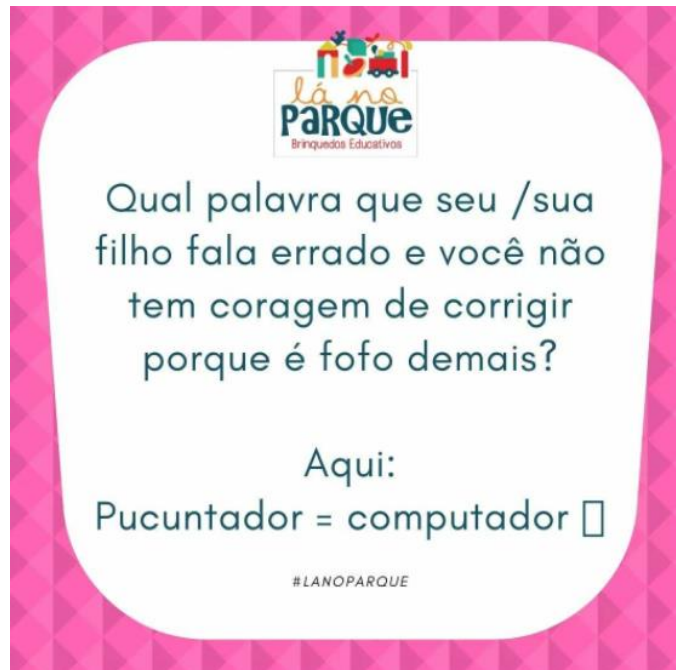
Ao que diz respeito aos comentários, o(a) comentarista 59 acredita que se trata de uma mudança ocasionada pelo corretor, que corrige a palavra “exaltado” para “asaltado”.

Nos comentários 60,61 e 62 os(as) comentaristas dizem “Uii”, como uma forma de repulsa à variante que é descrita no *meme*, em seguida, outro(a) diz: “essa doeu”. Ainda, outro (a) diz “asaltaram foi o português dela”, demonstrando a falta de respeito às variedades existentes e, mais uma vez, compactuando com a disseminação do preconceito linguístico.

¹² Fenômeno já explicitado nos *memes* anteriores.

No comentário 63 o(a) comentarista escreve “morri” e vários emoticons chorando de rir, o que demonstra que o “morrer” tem aqui, o significado de “morrer de rir”, achando engraçado rir da variedade linguística utilizada no *meme*.

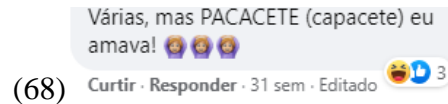
Meme 15:



Fonte: www.facebook.com – Acesso em: 20 de out. de 2020

Comentários *meme* 15:

- (64) Manica- máquina... a única coisa q ele fala errado e eu acho tão lindo criança falar errado
Curtir · Responder · 31 sem 3
- (65) Minha sobrinha fala AMURRAR para arrumar. Entre muitas outras palavrinhas erradas. Mas sempre procuramos corrigir, por mais fofo que nossos pequenos pareçam
Curtir · Responder · 31 sem 1
- (66) Minha filha quando era pequena falava rexiverante para refrigerante. ❤️ E meu filho falava oreganovo para orégano
Curtir · Responder · 31 sem · Editado 2
- (67) Compitador = é assim que minha neta Nicole fala computador. Muito bonitinho o jeitinho que ela fala
Curtir · Responder · 31 sem 1



Neste *meme* (15), é possível constatar a disseminação do preconceito linguístico de forma “escancarada”, ou seja, além do(a) criador(a) do *meme* apontar exemplo do que ele denomina como “errado”, ainda observamos que ele colabora diretamente para essa disseminação provocando os seus seguidores a mencionarem quais palavras “erradas” seus filhos pronunciam, mas que não são “corrigidos” porque são fofos.

Acerca disso, Cagliari (1995) diz que as crianças buscam estabelecer conexões por meio de palavras que elas já conhecem, sendo assim, fazem associações por meio dessas palavras, o que auxilia na construção de conhecimento acerca da linguagem da criança. Conforme ela se desenvolve, suas construções se desenvolvem também. Segundo o autor isso faz parte do desenvolvimento da linguagem da criança. Como apontar como “erro” algo que é recorrente e faz parte do processo cognitivo da criança?

Ademais, Acerca de todos os comentários (64, 65, 66, 67 e 68) cabe a discussão acerca da “ressignificação da noção de erro” (GASPAR; CARMO, 2020, p. 9), pois essa classificação exclui diversas comunidades linguísticas do que é estereotipado como “certo”. À esse respeito, os PCN’s (BRASIL, 2008) orientam que é dever do professor construir reflexões acerca da língua a fim de proporcionar ao aluno acesso às diversas possibilidades de interação, proporcionando à ele a adequação da linguagem de acordo com as demandas sociais em que ele se encontra no momento de fala. Ademais, Bagno (2007) atesta que os próprios falantes do PB acreditam em uma língua “pura” e que tudo o que foge dessa “pureza” é visto como errado, feio ou ainda, descabido. Calvet (2002) também realizou estudos que comprovaram que ainda que o falante use a variedade culta para comunicar-se, não se sente seguro ao utilizá-la e tende a crer que sempre existirá uma variante superior à utilizada por ele. (GASPAR; CARMO, 2020)

À esse respeito, Scherre (2005) salienta que tudo o que é válido para um grupo de falantes e que traz sentido na comunicação entre os membros dessa comunidade linguística, pode ser considerado correto, pois quem determina a efetividade na comunicação são os próprios membros dessas comunidades linguísticas.

Por isso, se conclui que não é possível classificar a língua em “certo” ou “errado”, pois o que é considerado correto em um grupo social, pode não atender a demanda linguística de outro grupo.

Partindo do que é exposto, se compreende a importância de compreendermos os processos que permeiam o PB, bem como orientam os Documentos Oficiais como BNCC e PCN.

Meme 16:



fonte: www.facebook.com <Acesso em: 21 de Out de 2020>.

- Nem sabe escrever, deve ter 12 anos afff
- (69) Curtir · Responder · 31 sem
- Se for muito amigo dar um dicionário de presente!!! 🤔 1
- (70) Curtir · Responder · 31 sem
- Meu Pai do Céu...Tem vários assim ..credo!!!
- (71) Curtir · Responder · 31 sem
- Lívia Pontes
Ele deveria estar na escola! 👍 2
- (72) Curtir · Responder · 31 sem
- Nossa, brochante hein 🤔👍 3
- (73) Curtir · Responder · 31 sem

No *meme 16* observamos palavras como “onlaine”, “unteligente”, “enves”, “namo”, “feiccc” que de acordo com a norma culta se referem à “online”, “inteligente”, “invés”, “namorando” e “face”. Neste caso, pode se verificar casos de *hipercorreção* em palavras como “onlaine” e “enves”. Na palavra “unteligente” é possível que o usuário tenha se equivocado na utilização devido às letras do teclado se encontrarem uma ao lado da outra, respectivamente, então não podemos afirmar se ocorre algum processo.

Na palavra “feiccc” e “namo” vemos a utilização da variação descrita como *internetês*, pois é recorrente o uso dessas abreviações em conversas de redes sociais como o facebook, como explicita Bisognin (2009) na seção 3.1 deste trabalho, demonstrando que, neste novo meio é permitido a ausência de acentuação e caracteres que facilitem a comunicação por meio da escrita.

Acerca dos comentários, no comentário 69 o(a) comentarista associa a escrita do rapaz do *meme* à escrita de um indivíduo de 12 anos e ainda diz “nem sabe escrever”, todavia, o rapaz está se comunicando e de acordo com o que é prescrito por Tarallo (1998), está conseguindo estabelecer uma comunicação efetiva, já que é possível averiguar que ele obteve resposta por parte de sua interlocutora. Segundo o autor, para que a comunicação obtenha êxito, é necessário que o locutor seja compreendido pelo interlocutor, o que pode ser visto na conversa.

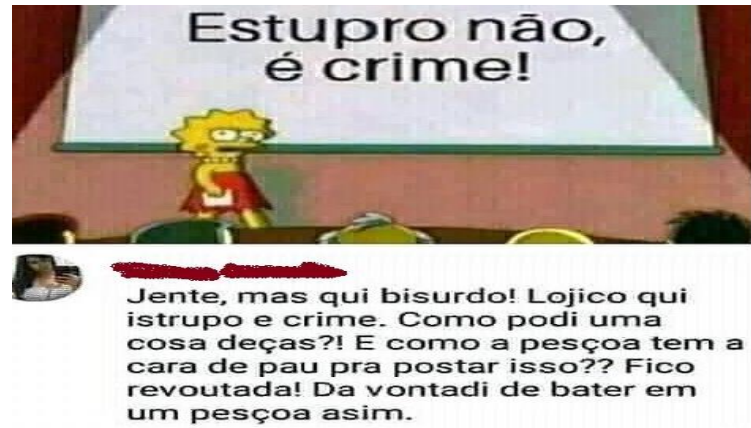
No comentário 70, ainda se afirma que “se for muito amigo dar um dicionário de presente!!”. Todavia, o dicionário não dá conta de explicitar todas as variedades existentes na L.P, além de não trazer todas as possibilidades de língua em sua conjugação, o que não resolveria o que o comentarista vê como uma “solução”.

No comentário 71, novamente é possível averiguar um comentário que se volta à religião para explicitar a sua repulsa acerca do que é descrito no *meme*. O(a) comentarista apela até para Deus e suas respectivas religiões, tamanha é a indignação ao se deparar com essas variedades: “Meu pai do céu”, “credo”.

No comentário 72, o(a) comentarista diz: “ele deveria estar na escola!”, todavia, em nenhum momento é mencionado no *meme* que o rapaz não estuda, simplesmente é suposto pela comentarista pelo fato de a conversa não estar pautada na norma-culta, mais uma vez, perpetuando o preconceito linguístico.

No comentário 73, o (a) comentarista escreve “nossa, brochante hein!” explicitando que a variedade utilizada na conversação é “brochante”, ou seja, não é capaz de trazer nenhum tipo de disposição e compactuando com o preconceito linguístico.

Meme 17:



Fonte: www.facebook.com. <Acesso em: 23 de Out. de 2020>.

- O mais trágico são as pessoas não entenderem a ironia da moça e o que ela deixou subentendido nos erros ortográficos.
- (74) Curtir · Responder · 30 sem 7
- Olha o que uma vírgula pode causar na vida do ser humano. 😊 nem todos conseguem nota - lá.
- (75) Curtir · Responder · 31 sem 4
- E a interpretação mandou lembranças!
- (76) Curtir · Responder · 31 sem 2
- Estupraram a gramática! 1
- (77) Curtir · Responder · 31 sem · Editado
- Óbvio q a pessoa tá brincando, o texto dela já mostra isso.
- (78) Curtir · Responder · 31 sem 7

No *meme 17*, aparecem as seguintes grafias: “Jente”, “qui”, “Lojico”, “estrup”, “podi”, “cosa”, “deças”, “peçoa”, “revoutada”, “vontadi”. Essas palavras correspondem, na norma culta às palavras “Gente”, “que”, “lógico”, “estrup”, “pode”, “coisa”, “dessas”, “pessoa”, “revoltada”, “vontade”.

As palavras “jente”, “lojico”, “deças”, “peçoa” e “revoutada”, demonstram a tentativa da escrita das palavras de acordo com a convenção, se baseando na transcrição fonética das palavras, pois os sons são similares às palavras grafadas de forma convencional, demonstrando um esforço em escrever de acordo com a norma culta, o que se denomina como *hipercorreção*.

As palavras “qui” “vontadi” apresentam variações que podem ser descritas a partir da variação regional, pois exprimem o *sotaque*, que influencia na escrita. Ainda há a palavra

“istrupo” que também apresenta marca de *sotaque*, além de *metafonia*, que ocorre por meio da alteração do timbre da voz do falante e pode ter relação com a forma como ele fala determinadas palavras.

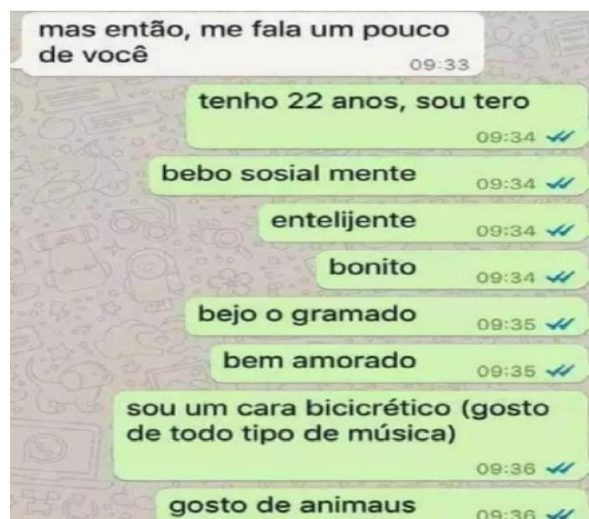
A respeito dos comentários, se observa que nos comentários 74 e 78 os(as) comentaristas entendem que os “erros” são propositais, alegando que ela está “brincando” e “ironizando”. Entretanto, se essas suposições feitas pelos(as) comentaristas forem verídicas, ainda assim é necessário refletir. Qual seria a sua motivação para fazer tal comentário exaltando os “erros” ortográficos? Pois ao constatar que a crítica do *meme* é feita a partir da vírgula, se compreende que a pessoa que não se utiliza da norma culta, não compreenderia a importância da vírgula e possivelmente, a ignoraria, dando outro sentido ao texto.

No comentário 75, o(a) comentarista menciona a importância da vírgula, todavia, como já foi discutido no decorrer deste trabalho, o uso da vírgula ainda é algo problemático no ensino, visto que o seu uso é ensinado em frases isoladas o que acaba prejudicando o ensino e o emprego delas em situações sociais do cotidiano.

No comentário 76, o(a) comentarista diz questiona a interpretação acerca da frase descrita no *meme*, entretanto, segundo Mussalim e Bentes (2005), na linguística textual não podem se estabelecer parâmetros de “certo” e “errado” pois tudo dependerá do contexto em que o usuário está inserido. Ou seja, o que pode parecer “falta de interpretação” para o comentarista, na verdade só evidencia as diferenças no que tange ao contexto de fala em que a personagem do *meme* e o comentarista estão inseridos.

Por fim, no comentário 77 se diz “estruparam a gramática!”, demonstrando desrespeito às variantes existentes, violência e preconceito linguístico.

Meme 18:



Fonte: www.facebook.com – Acesso em:26/10/2020

Bicicretico, eu imaginei que ele era uma bicicleta ergométrica 🤔🤔🤔
 (78) Curtir · Responder · 30 sem 18

Parece mentira mas recebi isto. Sou Dos sontos souteiro 47 anos e muita saúde país regride sorridente com a vida beijo linda fofa,, Até agora não entendi país regride sorridente kkkkkk
 (79) Curtir · Responder · 30 sem · Editado 24

Fico de cara com isso, muitos tem a oportunidade de estudar e não estudam, se um cara falar comigo dessa forma bloqueio na hora Não dá para levar a sério quem despreza o conhecimento... Podem criticar, mas essa é a minha opinião
 (80) Curtir · Responder · 30 sem 5

Seria beijo gamado? 🤔🤔🤔
 (81) Curtir · Responder · 30 sem 7

Neste *meme*, além da discussão acerca de algumas pronúncias que interferem diretamente na escrita, é possível constatar um processo ortográfico, chamado “hipersegmentação”. Pode ser constatado nas palavras “sou tero” e “social mente” e “animaus” prescritas pela gramática normativa como “solteiro”, “socialmente” e “animais”

Nestes casos, Cagliari (1998) atesta que os sons em conjunto, são utilizados pelos alunos como uma forma de “dividir” a escrita. Ademais, Cagliari (1998) também aponta que pode ocorrer a separação dessas palavras ao constatar a necessidade da acentuação na sílaba tônica da palavra, causando assim a segmentação na escrita, o que denominamos como “grafias não-convencionais” (TENANI, 2014).

Bortoni- Ricardo (2004, *apud* GOMES, p. 165) diz que a hipercorreção ocorre a partir de um esforço do falante em se ajustar ao que prescreve a norma padrão e que através dessa tentativa, acaba por se afastar ainda mais desta norma. Como o indivíduo não tem certeza da grafia que está utilizando, no intuito de utilizar a grafia convencional, acaba interpretando a escrita de forma equivocada, muitas vezes embasando a sua escrita na oralidade.

Ainda na palavra “sou tero” e na palavra “animaus”, que segundo a norma padrão, é prescrita por “solteiro” e “animais”, ocorre um processo que, segundo Silva (2010) é muito

recorrente no PB e acontece através da substituição da consoante lateral “l” pela vogal “u”. Esse processo ocorre através da articulação de um segmento com a qualidade vocálica de “u” na posição que corresponde ao “l”.

Na grafia “enteligente”, aceita pela norma padrão como “inteligente”, se trata de um fenômeno descrito como “metafonia” que se trata da “modificação do timbre da vogal, resultante da influência de outra vogal ou semivogal seguinte” (MOURA, 2019) processo que pode ser visto na troca do fonema /i/ pelo fonema /e/.

A seguir, ainda no *meme 18*, constatamos um processo de apagamento de glide no ditongo /ej/ na palavra “beijo” que é produzida como “bejo”. Esse fenômeno ocorre quando um ditongo passa a ser produzido como uma única vogal quando precedidos de consoantes fricativas a exemplo de /z/, /ʃ/ e de tepe /t/ (SEARA et al., 2015). Apesar de ser uma grafia não convencional, é possível, como atesta Tarallo (1998) cumprir o principal objetivo da comunicação, que é transmitir uma mensagem e ser compreendido, pois apesar da grafia, é possível compreender perfeitamente o que o locutor deseja comunicar.

A respeito dos comentários, se evidencia no 78 que o comentarista ao ler a palavra “biciclético” e que o comentarista já imagina ao ler, “uma bicicleta ergométrica”, todavia, é de suma importância compreender que o contexto em que a conversa é desenvolvida não permitiria esse tipo de confusão no momento de compreensão.

No comentário 79, o (a) comentarista disse “parece mentira”, como se qualquer desvio que ocorra na língua e na escrita não possa ocorrer ou seja algo surreal, todavia, conforme já apresentado de forma consistente neste trabalho, a variedade linguística é uma realidade do PB ocorre em todo o território e não somente a nível brasileiro, mas em qualquer língua.

No comentário 80 é possível constatar o preconceito linguístico, ou ainda além: o que chamamos de racismo linguístico, visto que se trata de uma forma violenta de se referir a determinada variedade, pois não se trata de uma variedade recorrente da elite mas sim rechaçada por ela. O(a) comentarista atesta que “muitos tem a oportunidade de estudar e não estudam” e ainda diz que se alguém fala assim consigo, “bloqueia na hora”. A respeito destes comentários feitos pelo(a) comentarista cabe discutir a reflexão equivocada, já mencionada anteriormente por Bagno (2007) de que existe uma fantasia de que o domínio da norma pode auxiliar na ascensão de um indivíduo em seu contexto social, quando na verdade, apesar do poder que a língua exerce sobre a sociedade, uma pessoa humilde, negra e/ou que não corresponde aos altos padrões da elite, jamais poderá ascender socialmente somente porque domina a norma culta. O(a) comentarista ainda diz “podem criticar, mas essa é a minha opinião” demonstrando a grande dificuldade na flexibilidade ao que tange a língua,

representando justamente uma sociedade elitizada, que busca uma pureza de língua inexistente e inatingível, que ultrapassa os limites da norma culta e tenta impor uma língua padrão, idealizada, inflexível e impossível de alcançar regularidade.

Por fim, no comentário 81, o (a) comentarista não compreende o que está descrito no *meme* e tenta compreender por meio de perguntas, mas não emite um posicionamento preciso acerca do *meme*.

Meme 19:



Fonte: www.facebook.com – Acesso em: 20/11/2020

Eles tem é ilusão, de achar que são os fodão. Mas na verdade, estão cada vez mais afundando, na ganância. Precisam tirar o óculos da docê ilusão, e estudar. Dói ler tanta ignorância!! Se liga,bobinho!!

(82) Curtir · Responder · 27 sem 🤔❤️👍 6

Olá lá se tem o fundamental

(83) Curtir · Responder · 27 sem

Tchaaa 🤔

(84) Curtir · Responder · 27 sem

(85) Olhando por outro lado.A fala dele não é uma mentira,quando se trata de dinheiro.Nosso País...
Curtir · Responder · 27 sem

(86) Que geração é essa, qual o futuro, ja pensou quando a grana acabar, o que será dessa criatura, quando for mais velho, como vai conviver com isso....
Curtir · Responder · 26 sem

No *meme* 19, se vê a frase “Nóis tem o que nós quer”, se referindo à variante utilizada pelo artista MC Guimê, cantor e compositor de músicas do gênero funk. Nesta frase, “nóis” se refere na norma culta a “nós”, o que se descreve por **metaplasmo por aumento**, cujo nome é classificado como “epêntese”, que ocorre ao acrescentar um som na parte interna da palavra (MOURA, 2019, p. 109).

Neste *meme*, também é importante ressaltarmos o que Bagno (2007) diz a respeito dos mitos que permeiam a nossa língua. Dentre eles, o autor menciona o mito 8, que se enquadra neste contexto, pois se acredita equivocadamente que o domínio da norma culta possibilitará uma “ascensão social”, pois de acordo com o que está prescrito no *meme*, o garoto ter tudo o que quer, mas não ter o “Ensino Médio Completo” o desqualifica e o diminui. Ademais, se vê que, comumente, a escola é associada às regras gramaticais e a um local onde só é ensinada a norma culta, o que precisa ser discutido e revisto a partir do que já foi apresentado anteriormente, na seção 5.1 deste trabalho, em que constatamos que os documentos oficiais prescrevem o trabalho com a variação linguística e o respeito às variedades diversas existentes no âmbito escolar, compreendendo que o trabalho com a gramática normativa deve contemplar discussões acerca das variedades existentes e utilizadas pelos alunos em suas comunidades de fala, possibilitando que o aluno adeque a sua linguagem e aumente o seu repertório linguístico, além de prever o combate ao preconceito linguístico por meio da apresentação desta temática pelo professor. (BRASIL, 1998, 2000), (BRASIL, 2017).

Acerca dos comentários, no 82 lê-se “Eles tem é ilusão de achar que são os fodão”. Aqui, é possível constatar que o(a) próprio(a) comentarista faz uso da variação denominada como diastrática e que ocorre no intuito de se comunicar por meio de formas mais expressivas. De acordo com Legroski (2018) o uso de palavrões pode não estar associado à ofensas diretas mas sim fazerem parte da comunidade de fala em que o falante está inserido, entretanto, se trata também de uma variante, o que demonstra que o(a) próprio(a) comentarista

não faz uso da norma culta de forma monitorada em todos os seus posicionamentos e também se desvia por vezes do que considera ser falta de “estudar”.

Ademais, ainda diz “doer ler tanta ignorância” e classifica tais pessoas que se utilizam das variedades do PB como “ignorantes” e “bobinhos” deixando explícito o preconceito linguístico contido em seu comentário e o seu desprezo às variantes, ainda quando se utiliza delas em seus próprios posicionamentos.

No comentário 83 o(a) comentarista associa a escrita do “nois” descrito no *meme* à falta de estudo. Entretanto, o que é possível constar é que, ainda que o comentarista tenha ensino fundamental, essa afirmação é equivocada a medida em que ele mesmo utiliza em seu comentário uma variação fonético-fonológica que ocorre por meio do fenômeno de *despalatização* que transforma fonemas palatais em fonemas orais e/ou nasais. De acordo com Câmara (1980), devido a variação diacrônica alguns segmentos fônicos latinos foram se transformando até chegarmos ao português brasileiro. A partir dessa variação, também se compreende o motivo do comentarista utilizar “ola la” ao invés de “olha lá” .

No comentário 84, o(a) comentarista não deixa explícito seu posicionamento, somente comenta “tchaaa” e utiliza um emoticon com as mãos na cabeça, o que demonstra certa preocupação acerca do *meme* lido e comentado.

No comentário 85, o(a) comentarista tece discussões acerca do que ocorre em nosso país e diz concordar com aquilo que está descrito no *meme*, porém, transparece em seu comentário que apesar do artista “ter o que quer”, ele(a) não é conivente com o que acontece no país acerca do dinheiro vindo por meio da arte do cantor, o que demonstra mais do que mero preconceito linguístico, visto que somente por se tratar de um artista que não domina a norma culta e que canta “funk”, ritmo musical conhecido por tocar principalmente em periferias, segundo o(a) autor(a) do comentário, em nosso país, talvez não merecesse ter tudo o que quer por meio de suas capacitações artísticas, o que é um erro visto que a arte não delimita local, tempo ou espaço para acontecer.

No comentário 86, o(a) comentarista se questiona sobre “Que geração é essa, qual o futuro” e ainda diz “já pensou quando a grana acabar, o que será dessa criatura”, “como vai conviver com isso...” demonstrando de forma explícita além de preconceito linguístico, um preconceito social, pois não demonstra resistência somente ao que tange a linguagem utilizada pelo artista, mas também ao futuro, alegando que se o dinheiro acabar, não terá mais nada e que não conseguirá conviver com as suas escolhas. Nesse sentido, é válido compreender que não se trata apenas de um preconceito acerca da língua mas acerca do indivíduo, colocando em cheque as suas capacidades e aptidões enquanto ser humano, o que constata, mais uma

vez, a assertividade ao mencionar que o preconceito linguístico advém de outros preconceitos existentes em nossa sociedade.

O(a) comentarista tece críticas acerca do futuro do personagem do *meme*, alegando que “quando a grana acabar” não sabe o que será da “criatura” que não estudou. Neste comentário é possível identificar também a crença equivocada de que o estudo pode promover uma ascensão social (BAGNO, 2007). Ele(a) ainda classifica o personagem como uma “criatura” que ao envelhever, terá que conviver com a falta de “grana” porque não estudou. Todavia, o(a) comentarista que reclama acerca do personagem do *meme*, também não faz uso da norma culta ao referir-se à “dinheiro” como “grana”, que nada mais é do que uma *variação diastrática*, que segundo Tarallo (2003) são variações linguísticas que ocorrem e variam entre um grupo social e outro de acordo com a idade, classe social e gênero. Nesta variação, se incluem as *gírias*, como é o caso da palavra “grana”.

Partiremos, agora, para a análise dos compartilhamentos e reações em *memes*, a fim de elucidar qual é o impacto dessas ações na rede social Facebook.

5.2 COMPARTILHAMENTOS E REAÇÕES DOS MEMES.

Como já abordado anteriormente, o gênero textual/discursivo *meme*, se propaga com facilidade devido ao humor que carrega em suas mensagens, que geralmente acompanhadas de imagens. Essa característica é somada à proposta da rede social Facebook, que tem como intuito aumentar a interação e o engajamento entre os seus usuários de forma dinâmica e ágil através da diversidade.

Baseando-nos nas expectativas dessa rede social e sabendo que quanto mais compartilhamentos e reações, mais engajamento determinada página e/ou *meme* terá, compreendemos o impacto que gênero textual/discursivo ocupa ao que concerne à disseminação do preconceito linguístico nesse âmbito, pois quanto mais o *meme* é replicado e recebe reações, maior é o seu alcance.

Partindo do exposto, serão elucidados os dados de compartilhamentos e reações dos *memes* analisados anteriormente:

TABELA1: Memes, Número de reações e número de compartilhamentos:

Memes	Reações								Compartilhamentos
	curtidas	amei	haha	força	grr	uau	triste	Número de reações	Número de compartilhamento por meme
Meme 1	80	2	97	0	0	0	3	182	56
Meme 2	286	5	193	0	0	0	0	484	204
Meme 3	176	7	144	1	0	0	0	328	655
Meme 4	36	0	77	0	0	13	0	126	81
Meme 5	33	0	42	0	0	0	5	80	12
Meme 6	98	3	77	1	0	0	0	179	86
Meme 7	99	2	256	2	0	2	0	361	396
Meme 8	119	1	247	3	2	34	12	418	734
Meme 9	690	30	166	3	0	5	0	894	1000
Meme 10	26	0	35	0	0	0	0	61	25
Meme 11	144	3	319	2	0	9	3	480	395
Meme 12	51	1	63	0	0	3	1	119	120
Meme 13	23	0	42	0	0	0	2	67	25
Meme 14	2	0	15	1	0	0	0	18	6
Meme 15	32	9	5	0	0	0	0	46	8
Meme 16	30	0	105	1	0	1	0	137	97
Meme 17	156	2	132	0	2	10	25	327	191
Meme 18	112	1	309	3	1	14	5	445	652
Meme 19	301	2	322	1	1	1	5	633	628
								Total de reações:	Total de compartilhamentos:
								5385	5371

Fonte: A autora.

A partir dos dados coletados e evidenciados na tabela acima, é possível verificar a capacidade de alcance dos *memes* na rede social Facebook. Também é possível demonstrar a relação entre o número de reações com o número de compartilhamentos, que confirma o alcance desse conteúdo pelos usuários através dos algoritmos, que são definidos pelas preferências dos usuários inseridos nesta rede social.

Ao que concerne ao preconceito linguístico, constatamos que os números de compartilhamentos dos *memes* analisados, alcançam a marca de 5371 compartilhamentos, o que demonstra a capacidade de disseminação do preconceito linguístico através dos *memes*. As reações, por sua vez, alcançam a marca de 5385, quase igualando ao número total de compartilhamentos.

A partir dos dados expostos, se confirma que é possível constatar o preconceito linguístico inserido em *memes* e comentários de *memes*, compartilhamentos e reações, demonstrando que tais ações corroboram efetivamente para a propagação desse preconceito na rede social, tendo um grande impacto ao que tange à disseminação.

Ademais, é possível constatar que os *memes* que mais demonstraram compartilhamentos e reações, são, justamente, os que demonstram preconceito linguístico de forma mais explícita em suas imagens, bastando observar que os números mais elevados, correspondem aos *memes 19, meme 18, meme11, meme 9 e meme 3*, entretanto, o que mais recebeu curtidas e compartilhamentos, foi o *meme 9*, que alcançou a marca de 894 reações e 1000 compartilhamentos. No *meme*, é possível evidenciar a crítica ao que diz a respeito do que é “certo” e do que é classificado como “errado”, demonstrando, mais uma vez, que esse tipo de conteúdo contido no *meme*, mesmo com teor humorístico, pode auxiliar na propagação do preconceito linguístico. É notável ainda pela quantidade de compartilhamentos, que grande parte dos usuários se identifica com essa “queixa” acerca do uso do “*ata*” e insistindo na inaceitabilidade dessa variedade que pode ser classificada como *internetês*, enxergando-a como “incorreta”.

É notável, também, grande repercussão ao que diz respeito ao *meme 19*, que alcançam 633 reações e 628 compartilhamentos. No *meme 19* é possível constatar que a movimentação na rede social se dá por associar-se o nível de escolaridade à possibilidade de ascensão social. Novamente, percebe-se que a repercussão do *meme* se dá em torno da capacidade ou não de conquistar espaços por meio da variedade utilizada pelo falante, obviamente, demonstrando preconceito à variedade utilizada pelo personagem do *meme*.

No *meme 18*, podemos ver a mesma movimentação percebida nos outros *memes* evidenciados anteriormente. É evidente que, sempre que os *memes* da página são voltados à questões da escrita e da fala de determinado usuário da língua, de forma a não se adequar ao que é considerado “correto” pela *norma culta*, existe essa mesma movimentação em relação a compartilhamentos e reações. Esse *meme*, por exemplo, alcançou 445 reações e 652 compartilhamentos.

No *meme 3*, é perceptível uma movimentação diferente, as reações diminuem para 328, enquanto os compartilhamentos praticamente dobram, alcançando a marca de 655 usuários que compartilharam esse *meme*. Entretanto, assim como os demais *memes* evidenciados, se trata de um *meme* com teor preconceituoso, que atesta em sua mensagem que *mineirês* é outra língua, quando na verdade, trata-se de uma variedade linguística não se destitui do português brasileiro, pelo contrário, a faz mais completa.

Por fim, também se evidenciam os números do *meme 11*, que contam com 480 reações e 395 compartilhamentos, o que demonstra que, o compartilhamento dos *memes* que não contemplam à *norma culta* faz subir os números de interações da página, entretanto, com qual intuito? Podemos concluir que, não se tratam de discussões acerca da importância da variação

linguística, pois, se constata a partir dos 95 comentários analisados que somente 3 comentários mencionam a discussão acerca do respeito a variedade dialetal, enquanto, 42 comentários demonstram serem coniventes com as críticas expostas nos comentários, e/ou ainda, teceram comentários demonstrando contrariedade às variedades explicitadas.

Através dos dados levantados, é possível constatar que os *memes* analisados, postados em uma página da rede social Facebook voltada para profissionais da rede de ensino, corroboram para a disseminação do preconceito linguístico e, trazem visibilidade para a página, pois através desse tipo de postagem, alcançam maior performance na rede. Todavia, isso auxilia na propagação do preconceito linguístico uma vez que a página não demonstra nenhuma preocupação com o trabalho à respeito do preconceito linguístico e a variedade linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a incidência do preconceito linguístico em *memes*, comentários de *memes*, compartilhamentos e reações do Facebook em uma página dessa rede social voltada para professores e envolvidos no âmbito educacional, trabalhando com a hipótese de que o preconceito linguístico estaria inserido nesses meios e que corroboram efetivamente para a propagação por meio desse gênero textual/discursivo, explorado nesta rede.

Dentro dos resultados encontrados, compreendemos ser de suma importância ressaltar que, de um total de 86 comentários analisados, somente em 3 encontramos comentaristas que compreendem a incidência do preconceito linguístico nos *memes* e ou/compreendem que se tratam de fenômenos de variação que permeiam a língua, o que evidencia a carência de conhecimentos acerca desses fenômenos, mesmo quando se tratam de pessoas envolvidas com o meio escolar, como é o caso da página analisada, voltada justamente para esse público-alvo.

Ademais, também se constatou que os(as) comentaristas se expressam através da linguagem da internetês, representadas de diversas formas, como por exemplo: “kkk”, “risos”, “kakaka” e de imagens, gifs e emogis que figuram o formato de risos, demonstrando em vários momentos que acham “engraçado” os *memes* com teor preconceituoso. Em alguns comentários, ainda é notável que o(a) comentarista marca outras pessoas para ver e, obviamente, rir juntamente com ele(a) do que está descrito no *meme*.

De acordo com o que já foi explanado no capítulo 2, o *meme* tem como característica desenvolver o riso, o humor, além de promover o compartilhamento dos próprios discursos e ideologias do locutor. Nesse caso, fica explícito que esse caráter impregnado no *meme* é verídico. Também é possível perceber que, juntamente com o riso, em alguns casos, o reconhecimento do discurso do locutor com o interlocutor ao perceber que além de risos, fica evidente que alguns comentaristas concordam, com o que é descrito no *meme*, sendo conivente com o *meme* ao dizer “*neh*”, “*verdade*”.

Também é possível constatar a capacidade de compartilhamento e de transmissão dos *memes* e comentários de *memes*, auxiliando na propagação do preconceito linguístico, como bem explana Dawkins (2007) visto que, em grande parte desses comentários, se observa que o comentarista ainda marca outros colegas para ver, rir e se posicionar acerca do exposto no *meme*.

Ainda foi possível identificar o preconceito linguístico, o preconceito social e o racismo linguístico por meio dos dados coletados na pesquisa e, evidenciar o quanto essas questões estão impregnadas nas redes sociais e precisam ser discutidas e estudadas com mais afinco.

Também foram encontrados diversos comentários que classificam o que está prescrito nos *memes* através de suas concepções de “certo” ou “errado” ao que tange à ortografia baseado somente em um próprio saber, pouco pautado em conhecimentos (sócio)linguísticos.

A partir desses resultados obtidos, é possível confirmar a hipótese inicial de que há preconceito linguístico nesse espaço de interação e que por meio de *memes*, comentários dos usuários da rede, compartilhamentos e engajamentos, é possível disseminar de forma contundente o preconceito linguístico. Além disso, é constatado o desrespeito escancarado em certos comentários que questionam as variações que ocorrem no PB de acordo com a faixa etária, escala socioeconômica e região, evidenciando que esse preconceito da língua, muito tem a ver com outros preconceitos envolvidos em nossa sociedade.

Também foi proposto como objetivo, a análise e a reflexão acerca do uso deste gênero em ambientes escolares, com intuito de aproximar o aluno de gêneros que são pertinentes à realidade vivenciada por eles e a partir desta aproximação, buscar evidenciar ao aluno sobre a importância do respeito à variedade linguística que compõe o PB, ensinando-os sobre o posicionamento adequado diante da variação linguística, conforme preveem os documentos oficiais como a BNCC (BRASIL, 2017) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio (BRASIL, 1998, 2000).

A partir das inquietações constatadas, é possível destacar algumas considerações acerca deste trabalho, mencionando e afirmando que se tratam de apenas algumas das possíveis considerações, visto que o pesquisador sempre terá outras inquietações e que a ciência é um trabalho contínuo que não se finda.

Reiteramos, então, a importância do trabalho com esse gênero textual/discursivo, visto que é um espaço em que se pode observar os mais diversos comportamentos linguísticos e discursos, e também, considerando que se trata de um trabalho contemporâneo, inovador e que pode contribuir efetivamente para o estudo de diversas áreas, inclusive, o da Sociolinguística (RECUERO, 2017).

A partir dos resultados obtidos, é possível perceber a importância do estudo da variação linguística no Ensino Superior, mais especificamente, na formação de professores, pois através desses resultados encontrados em uma página voltada para profissionais da educação, é perceptível a falta de conhecimento dos participantes ao que tange à variação

linguística e ao conhecimento do que é preconceito linguístico. Também é de suma importância compreender que esse trabalho com a variação, não deve ser promovido somente na formação do professor de línguas, visto que o preconceito linguístico e o desrespeito às demais variantes não se dá somente nas aulas de Português ou de idiomas, mas em todo o meio escolar, necessitando que todo esse meio social compreenda a importância do respeito às variações existentes e componentes do PB.

Outro fator preponderante que se constata é de que, por meio do “humor”, muitas vezes, se mascaram preconceitos raciais, sociais e linguísticos como foi pontuado em alguns momentos de análise em que se coloca em pauta o fato de que não ter estudo e variar na sua fala/escrita é sinônimo de desaprovação, defendendo que um indivíduo que não fala e/ou escreve de acordo com o que prescreve a norma culta, não é digno de ascender na escala socioeconômica.

Ademais, também se encontrou na análise dos comentários de *memes* usuários que defendem a variação linguística, falantes que se orgulham dessas variedades, sendo complacentes ao que os Documentos Oficiais preveem (BRASIL, 1998, 2000), (BRASIL, 2017) alertando em alguns casos que os *memes* e seus comentários, tratavam da propagação do preconceito linguístico.

Outra questão importante que necessita ser destacada é de que muitos dos desvios de escrita que foram explanados nos *memes* e comentários de *memes* são traços típicos da oralidade, o que dificulta para o usuário no momento de transcrever para a escrita ortográfica.

Partindo dos apontamentos anteriores, também se destaca que a formação do profissional de Letras, necessita abarcar essas temáticas e trabalhos com a construção de estratégias voltadas para o trabalho com a variação linguística, promovendo discussões acerca da língua(gem) e práticas docentes em sala de aula para que o professor esteja preparado diante das dificuldades que possa encontrar em sua práxis em sua classe. Dessa forma, é possível promover uma formação justa e competente ao que tange ao trabalho com o PB em sala de aula.

A partir dos apontamentos, apresentamos e defendemos a importância de o professor refletir sobre as suas práticas em sala de aula, promovendo o trabalho com a variação linguística, como prescrevem os PCN's (BRASIL, 1998, 2000) e BNCC (2017), pois ao analisarmos os dados coletados, é possível constatar que o preconceito linguístico, muitas vezes, parte dos próprios professores e educadores que trabalham no meio escolar.

Assim, se faz necessário que o professor seja capaz de criar estratégias para diminuir a incidência do preconceito linguístico partindo de práticas através de reflexões para o ensino-

aprendizagem que valorizam o conhecimento de língua trazido pelo aluno, do meio social em que vive e que a partir dessa noção do aluno, o professor trabalhe com a norma-culta, a fim de que o aluno possa aumentar o seu repertório linguístico e adquira competências para adequar a sua fala de acordo com o ambiente social em que está inserido. (BRASIL, 2000)

Por fim, reiteramos que não somos desfavoráveis ao trabalho e ensino da gramática-normativa na escola, pois esse trabalho é imprescindível para que o aluno adquira conhecimento acerca da língua e das múltiplas possibilidades de comunicação (BRASIL, 2000).Entretanto, defendemos que o professor precisa ensinar a gramática contextualizando as experiências e vivências linguísticas trazidas pelo educando, a fim de evidenciar que apesar das diferenças e variações existentes na línguas, todas são válidas e compõem o PB (BAGNO, 2007).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. *In*: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (org.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BAGNO, M. **Nada na Língua e por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- BARBOSA, F. S. O; MOLLICA, M. C. O tempo para alunos de EaD. *In*: MOLLICA, M. C; PATUSCO, C; BATISTA, H. R. **Sujeitos em ambientes virtuais: Festschriften para Stella Maris Bortoni-Ricardo**. São Paulo: Parábola Editorial. 2015.
- BISOGNIN, T. R. **Sem medo do Internetês**. Porto Alegre: Age Editora, 2009.
- BOTELHO, J. M; LEITE, I. L. Metaplasmos contemporâneos: um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa. *In*: II CONGRESSO DE LETRAS DA UERJ, 2005, São Gonçalo. **Anais [...]** São Gonçalo: UERJ, 2005. Disponível: <http://www.filologia.org.br/cluerjsg/ANAIS/ii/completos/comunicacoes/isabellelinsleite.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BRASIL, Diário oficial da união. Decreto 9-765. Disponível em: http://www.in.gov.br/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431. Acesso em: 04 out. 2021.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. MEC, p. 600, 2017.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília; 2000.
- BUZATO, M. Três concepções para o estudo de redes sociais. *In*: ARAÚJO, J; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e Linguística**. 8ª ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- CALLOU, D; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionildo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMARA, J. **Princípios de Linguística Geral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.
- CANI, B. A. Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero *meme*. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 242-267. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36955>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- CARMO, M. C. Variação linguística das vogais médias pretônicas em contexto medial no Noroeste Paulista. **Revista Uniletras**, Ponta Grossa, v. 40, n. 2, p.222-240, jul/dez. 2018. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/Uniletras>. Acesso em 20 ago. 2021.
- CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 108-122, jan/jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rle.v8i1.15605>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- COMO a turma da mônica, que chegou ao twitter cheia de memes e prepara filmes com atores, continua jovem?. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/09/05/como-a-turma-da-monica-que-chegou-ao-twitter-cheia-de-memes-e-prepara-filme-com-atores-continua-jovem.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- COSTA, C. P. G, MALTA, C. Nasalização em Português Brasileiro: uma (re)visão autosegmental. **Revista Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 132-156, jun. 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/e80b/f8cdf991719e0510bac32b75efbebf83259.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- DAWKINS, R. **O Gene Egoísta**. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FARACO, C. A. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. “org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Parábola, 2002.
- FIORIN, J. L. A internet vai acabar com a língua portuguesa? **Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 2–9, jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/1983-3652.1.1.2-9>. Acesso em: 19 ago. 2021.
- FLICK, U. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. Trad. Netz, S. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência Sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v.65, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13027>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- GASPAR, M. R. L; CARMO, M.C. Preconceito Linguístico em comentários de *memes*. **Revista X**, Curitiba, v.15, n.3, p. 72-100, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v15i3.69480>. Acesso em: 04 jun. 2021.

- GOMES, L.F. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? *In*: ARAÚJO, J.;
- HERRING, S. C. Computer-Mediated Discourse. *In*. SCHIFFRIN, D; TANNEN, D;
- HAMILTON, H. (org). **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu>. Acesso em: 09 set. de 2021.
- INGLEZ, K. G. O fórum eletrônico no Orkut: uma análise discursiva do hipertexto. *In*: GIL B. D; CARDOSO E. A; CONDÉ V. G. **Modelos de Análise Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.
- KOMESU, F, TENANI, L. **Internetês: questões contemporâneas sobre lingu@gem**. Araraquara: Letraria 2021.
- KOTLER, P. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- LEGROSKI, M. C. Escala de ofensividade: quão ofensiva essa expressão é? **Revista Gel: Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 47, n. 1, p. 169-180, 2018. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/viewFile/1958/1356>. Acesso em: 10 set. 2021.
- LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LEMOS, A. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. *In*: LEMOS, A.; CUNHA, P. (org.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 4ª ed. 2008.
- LÉVY, P. **O que é virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MIGLIORI, S; SOUZA, R.F. **Aspectos sociais da ciência da informação e uso da informação por sujeitos surdos da web**. São Paulo: Parábola. 2015
- MOREIRA, M.M.S. **Os memes como gênero discursivo**. 2019. Monografia (especialização em Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/203427>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- MOURA, M.V.O. **Fluxo e Refluxo: Interpretação paralela de fenômenos e Mudanças Linguísticas do Latim em direção ao português e no atual estágio da língua portuguesa no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgcel/wp-content/uploads/2019/05/M%C3%A1rcia-Val%C3%A9ria-Vers%C3%A3o-Final-PDF.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MÜLLER, W. Conceito de estrangeirismo de dicionário de estrangeirismos. *In: Problemas de lexicologia e lexicografia*. Porto: Livraria Civilização, 1979.

MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PAIVA, V.L. M.O. Facebook: Um estado atrator na internet. *In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PAULO GUSTAVO: relembre Dona Hermínia, Senhora dos Absurdos, Ivonete e outros personagens. São Paulo, 2021. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/05/04/paulo-gustavo-relembre-dona-herminia-senhora-dos-absurdos-ivonete-e-outros-personagens.ghtml>. Acesso em: 04 out. 2021.

RADTKE, N. G. **“Seje menas”**: Um estudo sobre o Preconceito Linguístico no Facebook. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2017. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Nat%C3%A1lia-Radtke.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

RECUERO, R. **A conversação em rede**. Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, R. Discurso mediado por computador nas redes sociais. *In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

REZENDE, G. F. **Análise discursiva dos papéis sociais de gênero no seriado Os Simpsons**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=2436559&key=b7a3a72933b05504940bfa0b935ad80f>. Acesso em: 31 jul. 2021.

ROMANO, V. P; PEREIRA, B. C. E. (In)tolerância e preconceito linguístico no ciberespaço: reflexões acerca dos comentários de usuários. **Revista Entrepalavras: Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas, Fortaleza**, v. 7, n. 2, p. 331-350, ago./dez., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.2.331-350>. Acesso em: 20 ago. 2021.

ROMANO, V. P; SEABRA, D. R. Estudo de vogais suarabáticas na fala de paranaenses e paulistas sob uma perspectiva estatística e dialetológica. **Revista Delta**, v.33, n. 2, p. 571-607, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445032523272446455>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SEARA, I.C; NUNES, V.G; LAZZAROTTO, V.C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, A. A. Memes virtuais: gênero do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 10, n. 3, 28 ed, p. 341-361, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/15111>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SILVA, F. L; MOURA, H. M. M. (org.). **O Direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002.

SILVA, L. M.; TENANI, L. **Hipersegmentação de palavras no Ensino Fundamental**. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2014.

SILVA, T. C. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto. 2011.

SILVA-CORVALAN, C. **Sociolinguística: Teoria y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1ª ed. 1989.

SOUZA, C. F. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Revista Vértices**. Campos dos Goytacazes. v. 15, n. 1, p. 127-148, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1809-2667.20130011>. Acesso em: 20 ago. 2021.

STAMPA, M. **Perícia como análise comunicativa do sujeito: possibilidades através dos recursos informatizados**. São Paulo: Parábola. 2015.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Ática. 2003.

TEIXEIRA, J. A voz da geração conectada. **Veja**. São Paulo, Especial, p. 120-125, 14 maio 2014.

TENANI, L; PAIVA, N. Vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos: aspectos sintáticos e prosódicos. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 24, n. 3, p. 294-321. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31825/21963>. Acesso em: 01 set. 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

XAVIER, A. C. A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola?. In: ELIAS, V. M. (Org.). **Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.